OS MAIORES MOMENTOS DA NOSSA HISTÓRIA



EDITÔRA ABRIL

SUPLEMENTO
DA REVISTA MICKEY Nº. 221
NÃO PODE SER VENDIDO
SEPARADAMENTE

Segundo álbum de meu querido filho Abril de 1971

GRANDES MOMENTOS DO BRASIL GRANDE

BRASIL, FÔRÇA TOTAL — Aproveitando a formidável riqueza em potencial energético que representava o grande rio Paraná, foi projetado Urubupungá, o maior conjunto hidrelétrico do hemisfério ocidental. A usina de Jupiá, a primeira fase do conjunto, já se acha em funcionamento parcial. Seu potencial total será de 1 400 000 quilowatts. Em construção, 55 quilômetros a montante, está a barragem de Ilha Solteira. Completada esta segunda super-usina, o conjunto fornecerá 4 600 000 quilowatts, beneficiando seis estados: Mato Grosso, Goiás, Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro e Guanabara, além do Distrito Federal, área que abrange um milhão de quilômetros quadrados e 45 milhões de brasileiros.



A EPOPÉIA DA TRANSAMAZÔNICA — O Brasil grande demanda grandes estradas. Por isso, cortando o imenso território nacional, da Paraíba ao Acre, vai surgindo o eixo rodoviário leste-oeste; é a rodovia Transamazônica, a concretização do velho sonho da total integração territorial brasileira. A importante estrada atravessará terras nunca dantes percorridas por cidadãos brasileiros, em pleno coração da floresta amazônica, à margem direita do rio Amazonas, unindo pontos distantes do mesmo Brasil. Então, por essa veia jugular das comunicações terrestres circularão as riquezas da vasta região, e suas florestas serão bafejadas por novas auras de progresso que integrarão a Amazônia no concêrto de desenvolvimento do país.



BRASIL: MISSÃO SECRETA NO NÔVO MUNDO



DETALHE DO "DESCOBRIMENTO DO BRASIL", DE FIGUEIREDO. ESCOLA DE BELAS-ARTES, GUANABARA.

Navegavam já fazia quarenta e cinco dias, e agora aves praieiras sobrevoavam as embarcações e restos de vegetação apareciam no mar: sinal de de terras próximas, à frente.

Aquelas terras pertencem a Portugal, conforme o Tratado das Tordesilhas. Procurá-las é uma das tarefas de Pedro Álvares Cabral. Uma missão secreta, pois D. Manuel, rei de Portugal, não deseja que as nações da Europa interfiram nos descobrimentos portuguêses.

Da proa das caravelas, os homens observam o horizonte. Mas só vêem céu e mar. Céu e mar que jamais alguém vira, é certo. Mas apenas céu e mar.

De repente, um grito, um dedo apontando. Lá longe, um ponto escuro contra o sol poente: um pequeno monte que se chamaria Pascoal, primeira visão do grande país que receberia o nome de Brasil. Era a tarde de 22 de abril de 1500.

Depois de permanecer alguns dias no Brasil, Cabral seguiu para a Índia, só regressando a Portugal no ano seguinte.

Ciente das descobertas, D. Manuel providenciava outras expedições para o reconhecimento da terra que, a princípio, não lhe parecia mais que uma escala propícia aos navegadores que demandassem a Índia. Mais tarde, arrendou as costas brasileiras a Fernando de Noronha e outros negociantes para que dali retirassem o pau-brasil, que tinha grande uso como tintura.

Entretanto, o segrêdo se desfazia, e os piratas começavam a aparecer, competindo com os portuguêses na busca do pau-brasil.

O sucessor de D. Manuel, D. João III, enviou navios para patrulhar o litoral brasileiro. Logo viu que a medida não era suficiente. Para proteger as terras, era preciso ocupá-la com gente portuguêsa. Ia começar a colonização.

"MARTIM AFONSO"
ÓLEO J. W. RODRIGUES. MUSEU PAULISTA, SP.

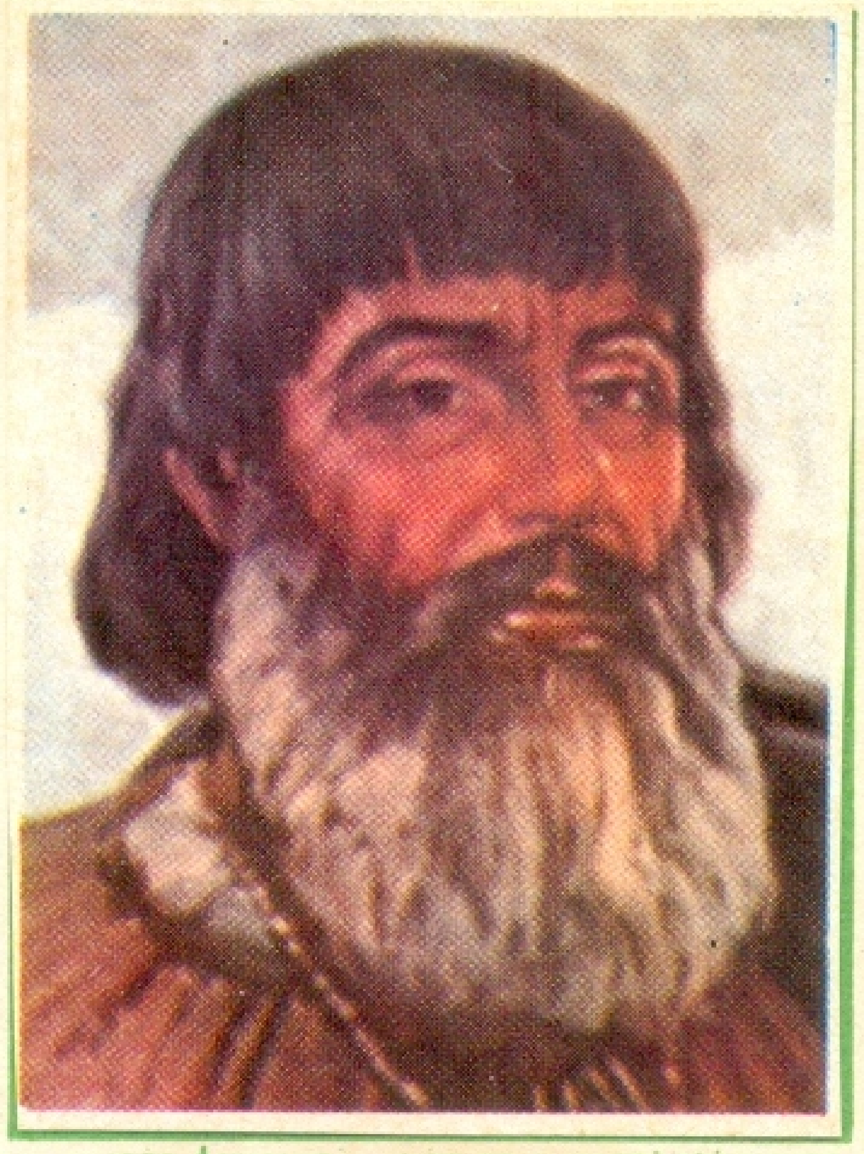


MARTIM AFONSO DE SOUSA

Martim Afonso saiu de Lisboa em dezembro de 1530, chefiando uma expedição colonizadora. Fêz o levantamento de tôda a costa brasileira, de Pernambuco para o sul, enviando também alguns grupos para reconhecer o interior. Com a construção de um forte em São Vicente (1532), ali estabeleceu a primeira povoação permanente do Brasil.

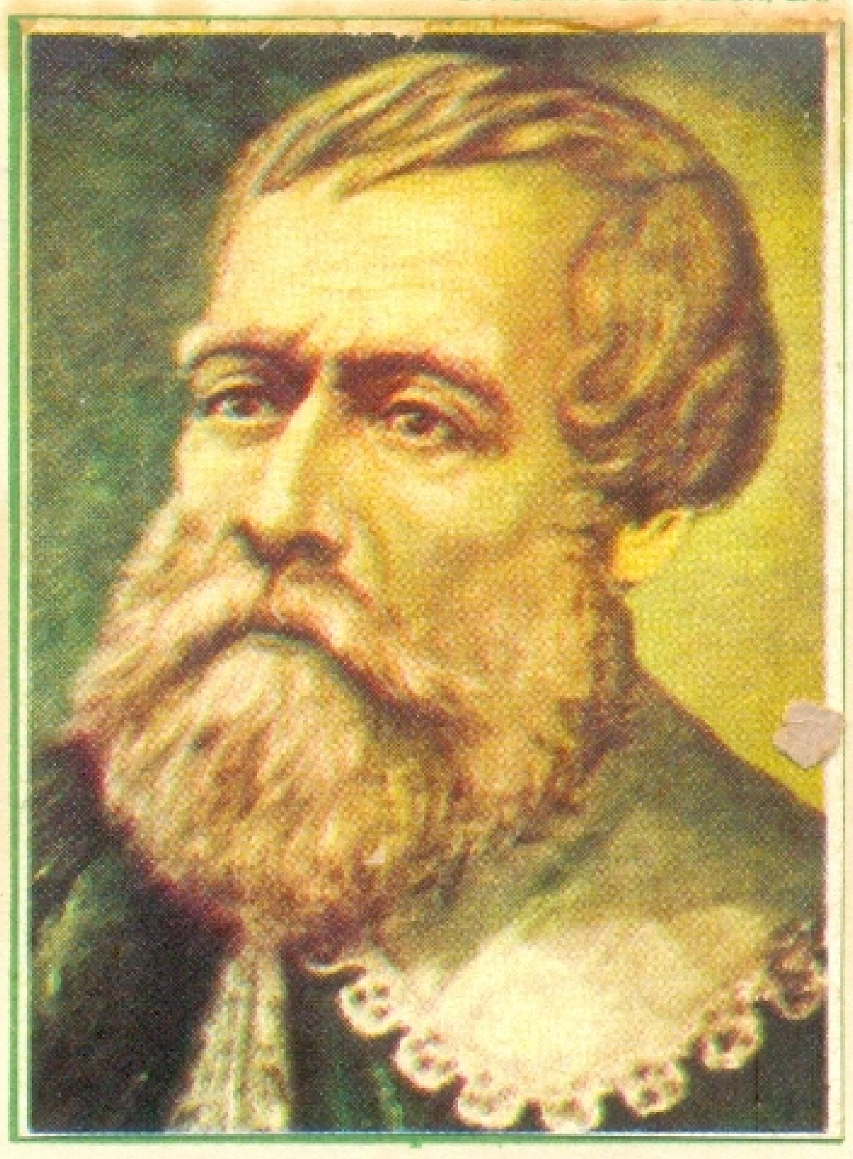
JOÃO RAMALHO

Os primeiros colonos do Brasil foram degredados e náufragos. Não se sabe a que categoria pertencia João Ramalho, a quem Martim Afonso encontrou em São Vicente. Além de muito auxiliar a expedição colonizadora, Ramalho erigiu a povoação de Santo André da Borda do Campo.



JOÃO RAMALHO — ÓLEO DE J. WASTH RODRIGUES. MUSEU PAULISTA, SP.

CARAMURU — ÓLEO DE TITO BATISTA. INST. GEOG. E HIST. DA BAHIA. SALVADOR, BA.



CARAMURU

Diogo Álvares Correia salvou-se a nado, quando seu navio afundou, em 1508. Casou-se com uma índia — Paraguaçu — e os nativos o apelidaram Caramuru. 41 anos depois (1549), êle, seus descendentes e outros portuguêses iriam prestar grande auxílio ao governador Tomé de Sousa na fundação de Salvador, a primeira capital brasileira.

BRÁS CUBAS

Brás Cubas, companheiro de Martim Afonso, recebera dêste uma grande sesmaria na capitania de São Vicente. Ali fêz construir um engenho e um hospital, e começou a cultivar cana-de-açúcar. Em 1545, o lugar recebia o título de vila em solenidade junto ao marco de fundação do povoado. Nascia a cidade de Santos.



FUNDAÇÃO DA VILA DE SANTOS, 1545 (DETALHE). O CAP. BRÁS CUBAS LENDO O FORAL DE VILA — ÓLEO DE BENEDITO CALIXTO. BÔLSA DO CAFÉ, SANTOS, SP.



"FUNDAÇÃO DE SÃO PAULO" (DETALHE) — ÓLEO DE OSCAR PEREIRA DA SILVA. MUSEU PAULISTA, SP.

FUNDAÇÃO DE SÃO PAULO

Em 1549 chegou ao Brasil, na expedição de Tomé de Sousa, um grupo de jesuítas chefiados por Manuel de Nóbrega. Vieram dar assistência religiosa aos colonos e com a missão de converter os índios ao cristianismo. Enviados por Nóbrega, treze jesuítas (entre êles José de Anchieta) venceram a Serra do Mar e, a 25 de janeiro de 1554, fundaram uma povoação dedicada a São Paulo.

FUNDAÇÃO DO RIO DE JANEIRO (1565)

Os franceses haviam-se estabelecido na Guanabara. Para expulsá-los, Mem de Sá, 3.º governador geral, enviou seu sobrinho Estácio. Depois de passar por Santos, Estácio, abençoado por Nóbrega, partiu de Bertioga para a Guanabara, onde seu quartel general iria, aos poucos, transformar-se na cidade do Rio de Janeiro.



DETALHE DA "PARTIDA DE ESTÁCIO DE SÁ", DE BENEDITO CALIXTO — PALÁCIO SÃO JOAQUIM, GB.

GUERRA EUROPÉIA NAS PRAIAS DE PERNAMBUCO



"BATALHA DE GUARARAPES" (DETALHE) — ÓLEO DE VICTOR MEIRELLES. MUSEU NACIONAL DE BELAS-ARTES, RIO DE JANEIRO, GB.

Em 1580, com a morte de D. Sebastião, Portugal ficou sob o domínio de Castela. Com isso, além dos franceses, que pretendiam estabelecer-se na Paraíba e, mais tarde, no Maranhão, o Brasil atraiu as atenções da Holanda, então em guerra com a Espanha.

E os holandeses chegaram em 1630, vencendo a resistência que Matias de Albuquerque organizara no Recife. Enviaram um de seus melhores administradores, o príncipe de Nassau, que estendeu as fronteiras da Nova Holanda desde o Maranhão até Sergipe.

Em 1644, Nassau voltou à Europa, devido a desavenças com a Companhia das Índias Ocidentais, à qual era subordinado. Com a sua retirada, começa a reação nativista. Aos poucos, os holandeses iam perdendo terreno, não podiam mais aventurar-se pelo interior, ficam cercados no Recife. Mas recebem reforços, e partem para o ataque.

Abril de 1648, fevereiro de 1649. Duas datas, duas batalhas, as maiores a que assistiu o Brasil Colonial, um só lugar: os montes Guararapes.

Os holandeses eram 5 000 na primeira batalha, 3 500 na segunda. Os brasileiros, de uma vez 2 000, de outra 2 600. Mas, em ambas as ocasiões, depois de uma luta feroz e desesperada, as tropas que reuniam portuguêses, mamelucos, índios e negros, sob uma só bandeira, foram as vencedoras.

Apesar da superioridade numérica, os invasores, derrotados, tiveram que renunciar à conquista do interior de Pernambuco. Permaneceriam confinados no Recife e em alguns outros pontos do litoral, à mercê dos reforços que pudessem receber da metrópole. Pouco depois, em guerra com a Inglaterra, da Holanda não pôde vir auxílio para os invasores, que tiveram de render-se em 1654, após 24 anos de permanência no Brasil.

HENRIQUE DIAS FERIDO

Cinco vêzes já fora ferido o prêto Henrique Dias. No combate de Pôrto Calvo, um dos mais ferozes da luta contra os invasores, Henrique Dias, que estava na vanguarda, perdeu a mão esquerda. E continuou a lutar. Não só naquele dia, mas até a reconquista dos territórios invadidos.



"HENRIQUE DIAS SENDO TRATADO PELO MÉDICO" — DO ÓLEO DE BALTAZAR DA CÂMARA, ARQUIVO PÚBLICO DO RECIFE, PE.



NASSAU — ÓLEO ANÔNIMO, BASEADO EM QUADRO DE JAN DE BAEN. COLEÇÃO DE J. DE SOUSA LEÃO, RIO DE JANEIRO, GB.

MAURÍCIO DE NASSAU

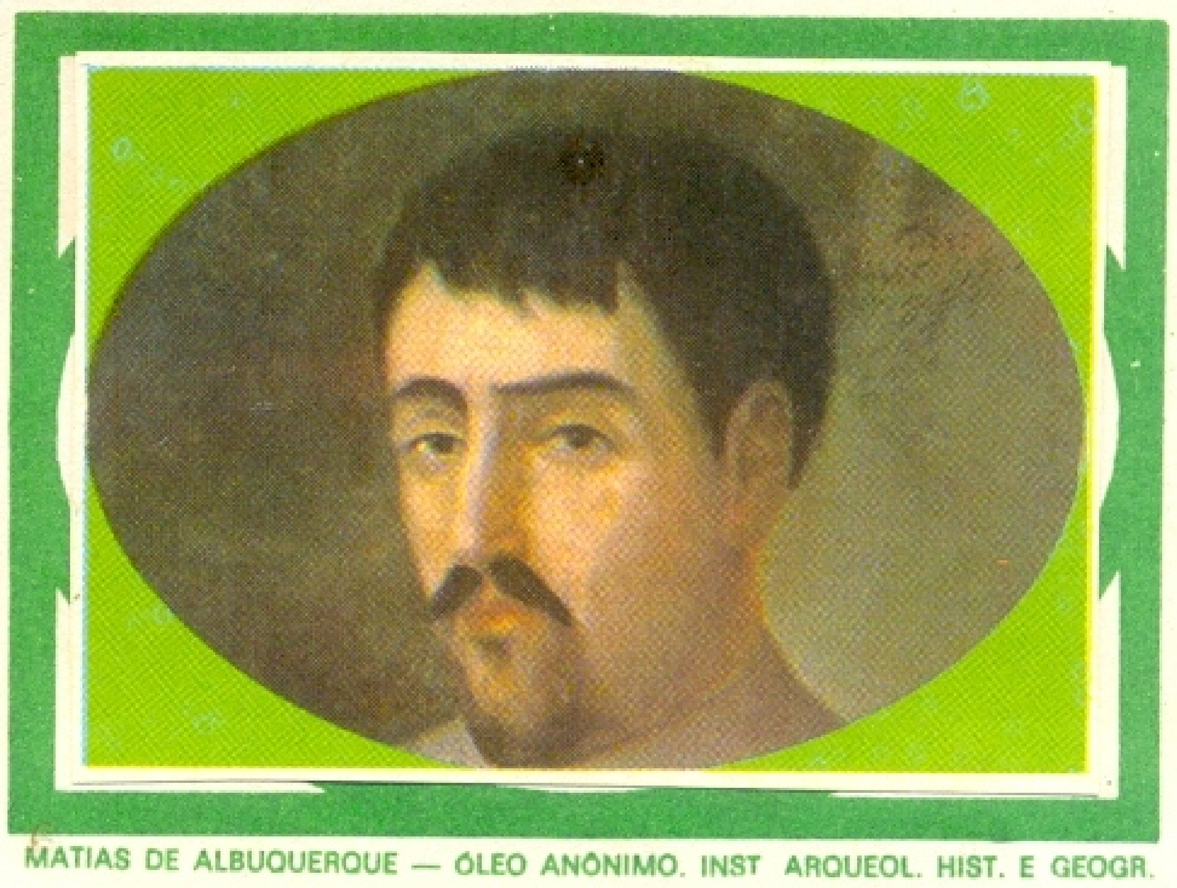
Chegando ao Brasil em 1637, Nassau iniciou uma política inteligente, conciliando os interêsses dos holandeses e nacionais. Com isso, conseguiu pacificar boa parte do território, procurando fazer uma administração serena e justa.

FILIPE CAMARÃO E SEUS ÍNDIOS

D. Antônio Filipe Camarão, Governador dos Índios, nome cristão e título do chefe indígena Poti. Êle e seus índios foram desde o começo temíveis adversários para os holandeses. Presente nas lutas isoladas e em quase tôdas as batalhas, não viu a vitória final: morreu em agôsto de 1648.



PAINEL DE ENTRADA DA IGREJA N. S. DA CONCEIÇÃO DOS MILITARES (DETALHE), RECIFE, PE.



MATIAS DE ALBUQUERQUE — ÓLEO ANÔNIMO. INST. ARQUEOL. HIST. E GEOGR. DE PERNAMBUCO, RECIFE, PE.

MATIAS DE ALBUQUERQUE

Neto de Duarte Coelho, primeiro donatário da capitania de Pernambuco, Matias comandou durante cinco anos a resistência aos holandeses. Mas, com poucos recursos, não lhe restava senão retirar-se paulatinamente. Por isso, foi injustamente acusado e conduzido a Portugal, onde morreria em 1647.



VIDAL DE NEGREIROS

André Vidal de Negreiros figurava também entre os que, desde o princípio, ofereceram combate ao invasor. Participou de quase tôdas as batalhas, destacando-se sobremaneira em Guararapes. Vencidos os holandeses, foi enviado como governador ao Maranhão. Governaria também Pernambuco e Angola. Morreu em 1691.

ANDRÉ VIDAL DE NEGREIROS — ÓLEO ANÔNIMO. MUSEU DO ESTADO, RECIFE, PE.

FERNANDES VIEIRA

João Fernandes Vieira foi vencido pela intolerância e espírito democrático de Nassau. Êle, que auxiliara Matias de Albuquerque, foi eleito deputado à câmara de Nassau. Mas, após a partida dêste último, passou a comandar os brasileiros, inclusive nos Guararapes. Foi o primeiro a entrar no Recife, em 1654, pondo fim à invasão.



JOÃO FERNANDES VIEIRA — ÓLEO ANÔNIMO. INST. ARQUEOL. HIST. E GEOG., RECIFE, PE.

3- OS BANDEIRANTES

ÍNDIOS, FERAS, FRONTEIRAS: NADA DETÉM OS HERÓIS



"A MORTE DE FERNÃO DIAS" (DETALHE) — ÓLEO DE RAFAEL FALCO. SALÃO NOBRE DO CAFÉ SELETO IND. E COM. LTDA., SP.

No século XVII, enquanto o nordeste prosperava graças ao plantio da cana e ao comércio do açúcar, o sul não tinha tanta sorte. Muito distante da metrópole, e com terras mais pobres para a lavoura canavieira, vivia quase isolado. São Paulo comerciava apenas um pouco de trigo e marmelada. Mas a lavoura, até a do nordeste, precisava de braços. Os paulistas foram arrebanhar índios para êsse trabalho.

Surgiram as bandeiras, expedições que penetravam o interior em busca dos índios. E, com isso, foram empurrando as fronteiras brasileiras. Mais tarde, a decadência da lavoura nordestina e o fim da guerra contra os invasores holandeses, liberando o tráfico de escravos africanos, desvalorizaram o escravo índio.

Mas os bandeirantes continuaram a cortar as distâncias, agora em busca de pedras e metais preciosos.

Fernão Dias, filho e neto de bandeirantes, participara, na mocidade, de várias expedições de caça ao índio. Mas foi já velho, com 66 anos que, atendendo a um apêlo do rei Afonso VI, partiu para o sertão à procura de ouro e pedras preciosas.

Durante sete anos cheios de aventuras e incidentes, a bandeira permaneceu na selva, até que, na lagoa de Vapabuçu, encontrou o que pareciam ser esmeraldas (na verdade eram turmalinas, pedras de pouco valor na época).

Fernão Dias não voltou a São Paulo: morreu na floresta, aos 73 anos, certo de ter cumprido a missão que o rei lhe confiara. A descoberta do ouro ficaria para seu genro e companheiro Borba Gato, que continuaria procurando, sem interrupções, por mais 18 anos.

A bandeira de Fernão Dias partiu em 1674. E Borba Gato só regressou vitorioso 25 anos depois.

RAPOSO TAVARES

Português de nascimento, Antônio Rapôso Tavares foi dos mais destacados bandeirantes do ciclo de caça ao índio. Contudo, sua maior aventura começou em 1648, quando pretendia descobrir minas de prata. Em três anos, percorreu dez mil quilômetros, primeiro para o centro do continente, até o sopé dos Andes, depois pela floresta amazônica, até Belém do Pará.



"PERIPLO MAXIMO DE RAPOSO TAVARES" (DETALHE).



DOMINGOS JORGE VELHO — ÓLEO DE BENEDITO CALIXTO, MUSEU PAULISTA, SP.

DOMINGOS JORGE VELHO

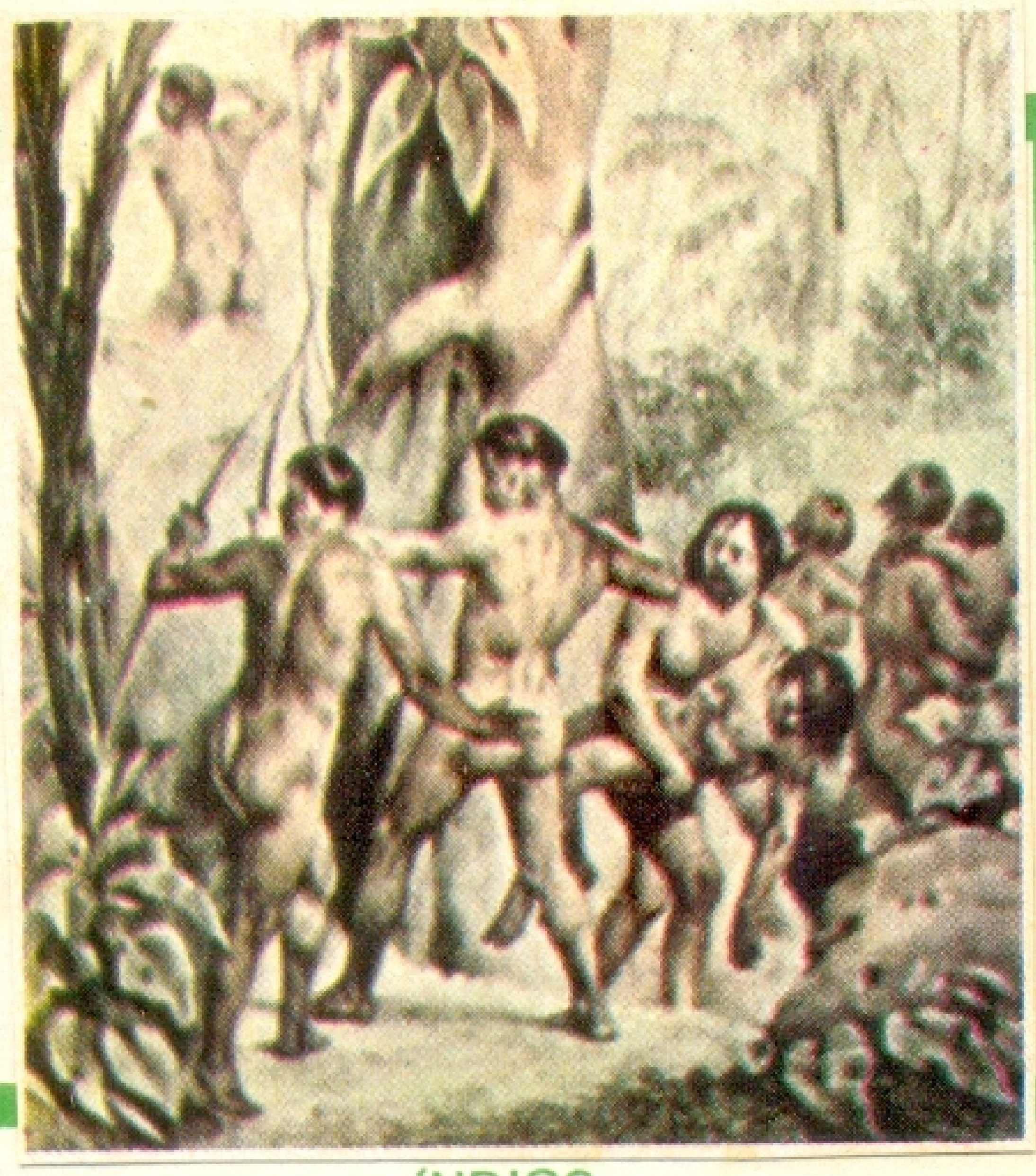
Ao contrário da maioria de seus companheiros, cujas bandeiras se dirigiam para o sul ou para o oeste, as expedições de Jorge Velho tiveram por meta principal o norte, tendo-se estabelecido no Piauí. A chamado do governador Souto Maior, atacou — e em dois anos de luta conseguiu destruir — o reduto negro de Palmares (1694).

ANHANGÜERA

Bartolomeu Bueno da Silva recebeu dos índios o apelido de Anhangüera (diabo velho) ateando fogo ao álcool, e ameaçando fazer o mesmo com os rios e lagos caso os selvagens não lhe dissessem onde havia ouro. Mas foi seu filho, que dêle herdou o nome e o apelido, que acabou por realizar o sonho do pai, descobrindo ouro em Goiás.



"ANHANGÜERA" — DO ÓLEO DE THEODORO BRAGA, MUSEU PAULISTA, SP.



GRAVURA DE M. RUGENDAS, BIBLIOTECA DE SÃO PAULO, SP.

ÍNDIOS

Nem sempre os índios se deixaram caçar pacificamente. Muitas vêzes, sòzinhos ou auxiliados pelos jesuítas que os protegiam, os índios opuseram obstinada resistência, que custou a vida a muitos bandeirantes. Mas, por fim, dizimados nas lutas ou pela escravidão, quase desapareceram da região sul do país.



"OS BANDEIRANTES" (DETALHE) — ÓLEO DE H. BERNARDELLI (REPRODUZIDO POR F. AQUARONE), BIBLIOTECA MUNICIPAL DE SÃO PAULO, SP.

BANDEIRA NA FLORESTA

Numa bandeira, apenas um pequeno núcleo era constituido de "bandeirantes". A maioria compunha-se de mamelucos e índios submissos (a bandeira de Fernão Dias, entre 674 homens, levava apenas 40 brancos). As armas prediletas eram mesmo o arco e a flecha, pois, na mata fechada, a luta a curta distância não permitia recarregar os arcabuzes.

A MORTE PARA QUEM AMOU A LIBERDADE



"JORNADA DOS MÁRTIRES" (DETALHE) — ÓLEO DE ANTÔNIO PARREIRAS. MUSEU MARIANO PROCÓPIO, JUIZ DE FORA, MG.

Até a segunda metade do século XVIII, os colonos haviam-se rebelado algumas vêzes contra as ordens da coroa ou os privilégios de que gozavam os colonizadores europeus. Contudo, ninguém pensava em separar Brasil de Portugal. Os movimentos nascidos dos conflitos locais (guerra dos Mascates em Pernambuco, e dos Emboabas na região das minas) ou os protestos fiscais (Beckmann no Maranhão; Filipe dos Santos em Vila Rica) tiveram curta duração.

O esgotamento das minas de ouro e a crescente pressão dos impostos deram origem ao descontentamento da população de Minas Gerais. O exemplo da vitoriosa revolução norte-americana (1776) e as idéias liberais vindas da Europa inspiram os habitantes das principais vilas mineiras.

Em 1788, começa a formar-se uma conspiração, reunindo intelectuais, religiosos, militares e mineradores. Seu objetivo: proclamar uma república independente.

Tiradentes e o estudante Álvares Maciel foram os principais propagandistas do movimento que já contava com a adesão do tenente-coronel Paula Freire (que deveria ser o chefe militar), dos poetas e juristas Tomás Antônio Gonzaga, Cláudio Manuel da Costa e Alvarenga Peixoto (que teriam o comando político do nôvo govêrno), os padres Oliveira Rolim e Carlos de Toledo e Melo (que garantiriam a adesão das vilas próximas) e muitos outros.

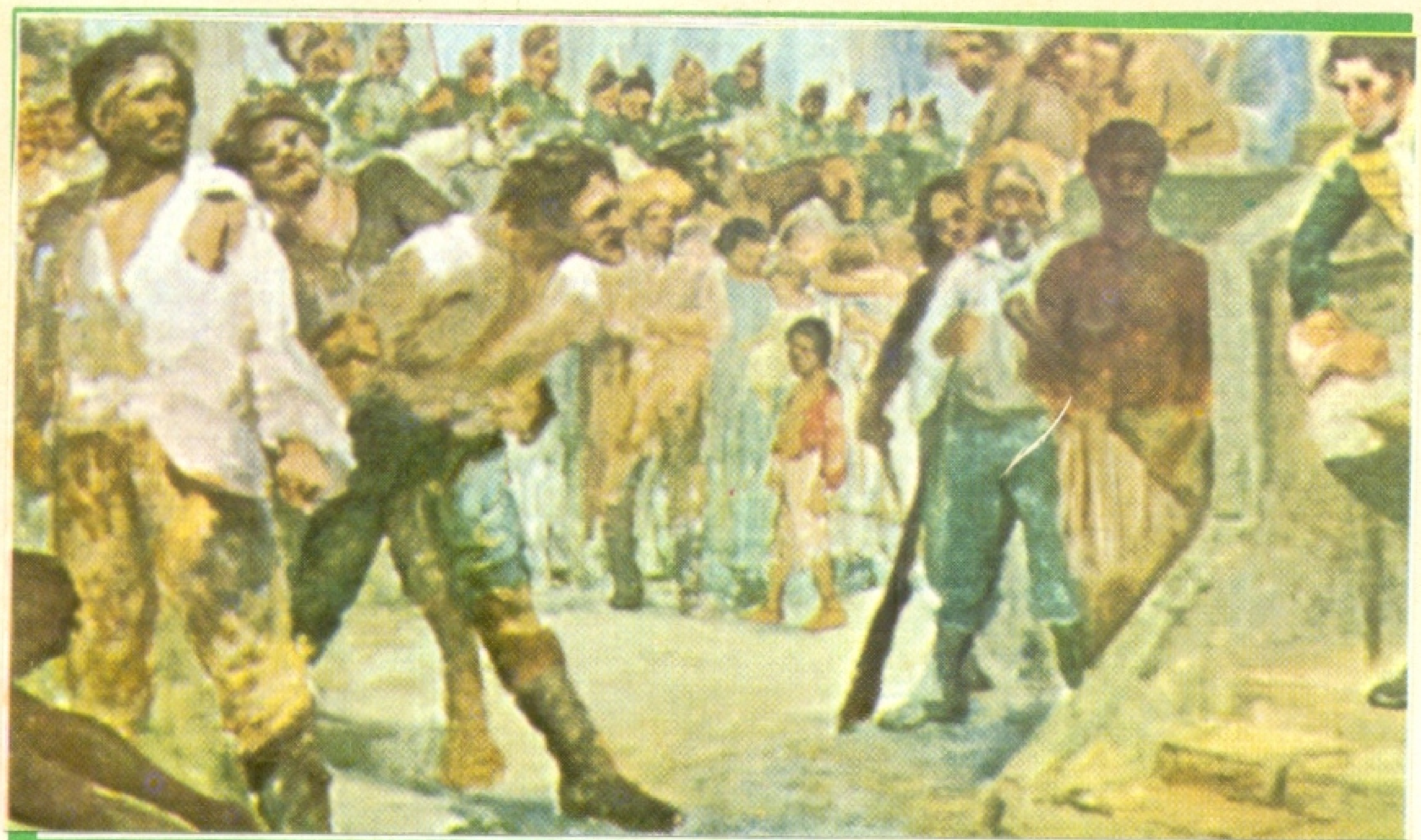
Mas, a 15 de março de 1889, três conjurados, tendo à frente Joaquim Silvério dos Reis, traíram os companheiros, revelando seus planos ao governador, visconde de Barbacena.

Essa traição e mais a ausência de Tiradentes, que estava no Rio de Janeiro, desarticularam o movimento.

Os conspiradores foram sendo presos um a um, e depois levados para o Rio, onde já fôra encarcerado Tiradentes.

FILIPE DOS SANTOS PRISIONEIRO

Bem cedo, as taxas e impostos lançados pela coroa levaram a revolta à zona de mineração. Contra as tarifas excessivas, o minerador português Filipe dos Santos liderou um protesto coletivo, que se tornou conhecido como A Rebelião de Vila Rica (1720). Sufocado ràpidamente o movimento, Filipe dos Santos foi enforcado e esquartejado.



FILIPE DOS SANTOS (DETALHE) — ÓLEO DE ANTÔNIO PARREIRAS. MUSEU ANTONIO PARREIRAS, NITERÓI, RJ.

JULGAMENTO DE FREI MIGUELINHO

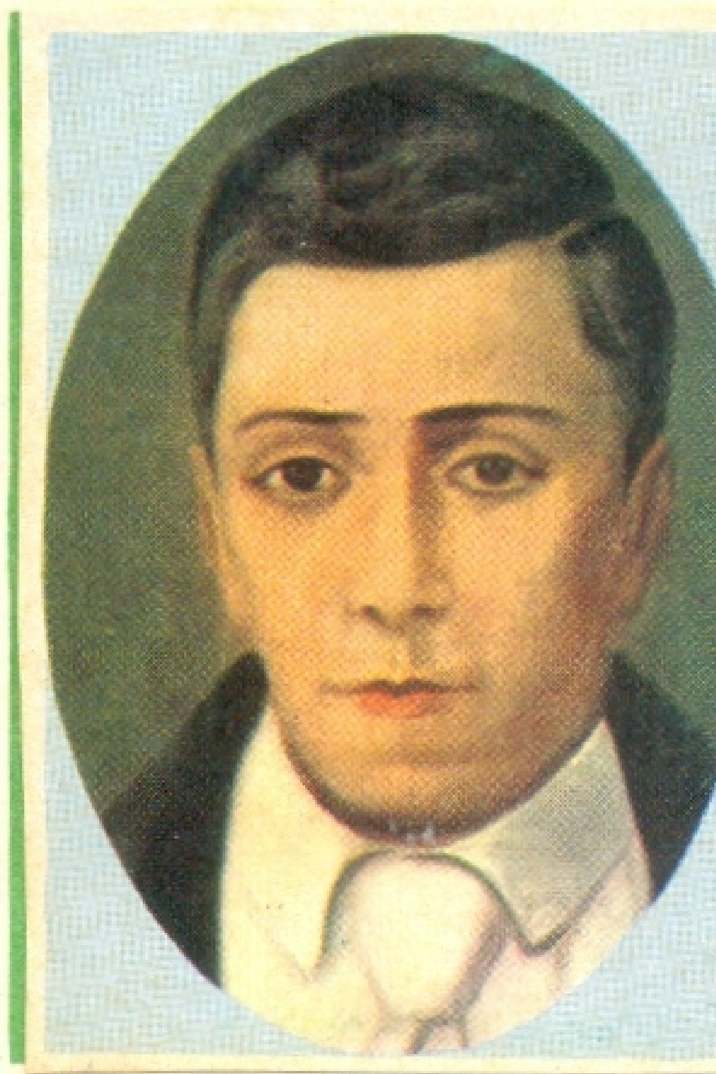
Devassas no Rio de Janeiro (1794), "Revolução dos Alfaiates" na Bahia (1798): o movimento libertário ganhava corpo. Em 1817, em Pernambuco, um govêrno republicano tomou o poder, sustentando-o durante 75 dias. Vencido o movimento, Miguel Joaquim de Almeida e Castro, o frei Miguelinho, secretário do govêrno rebelde, foi julgado e executado.



"JULGAMENTO DE FREI MIGUELINHO" (DETALHE) — ÓLEO DE ANTÔNIO PARREIRAS. PALÁCIO DA ESPERANÇA, NATAL, RN.

DOMINGOS JOSÉ MARTINS

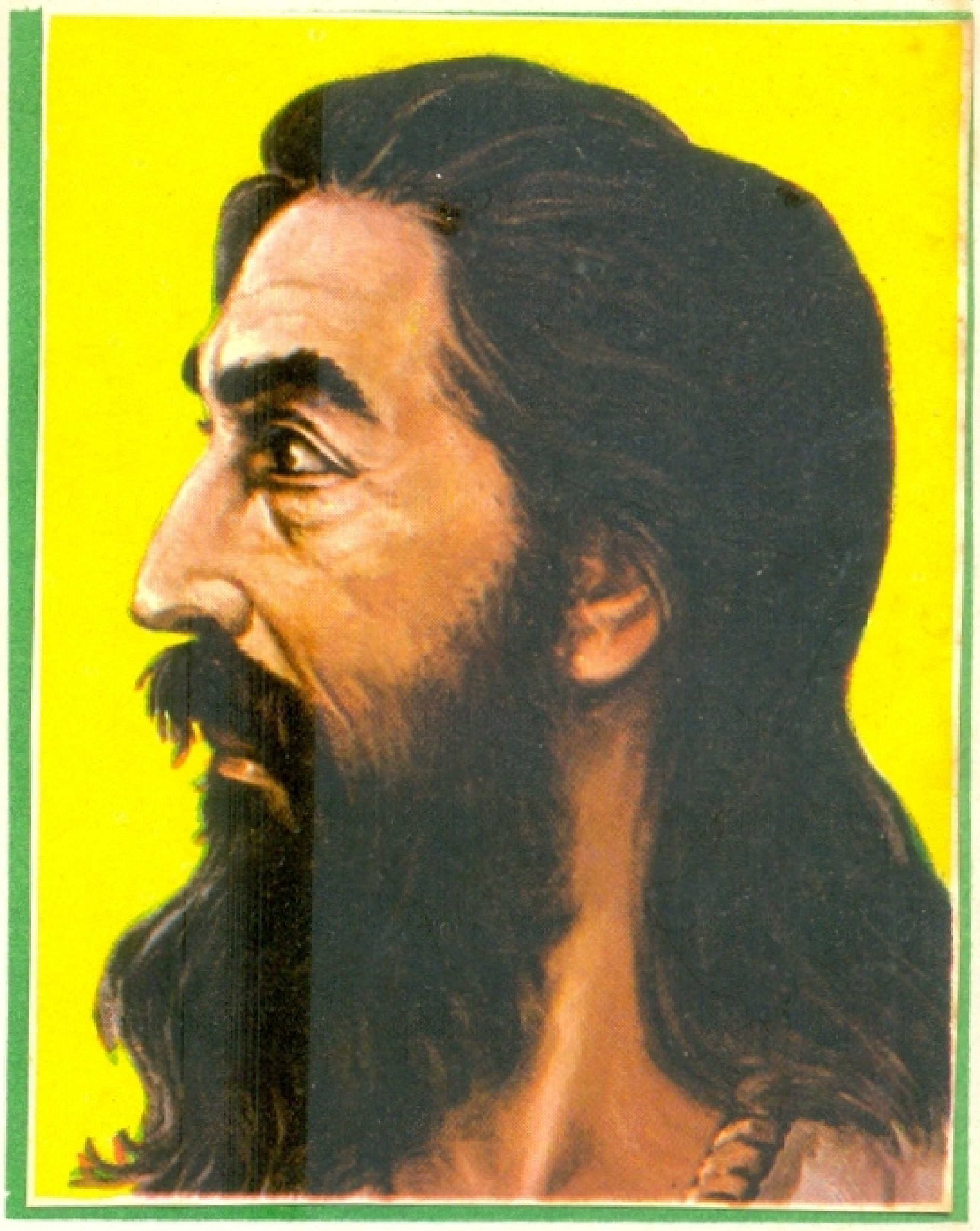
Recife inteiro apoiou a revolução de 1817. Domingos José Martins, que seria o representante do comércio na Junta Governativa, foi dos que primeiro saíram às ruas pedindo a adesão popular para o movimento que tinha como chefes militares Domingos Teotônio Jorge e José de Barros Lima (o "Leão Coroado") Como êles, Martins acabou fuzilado.



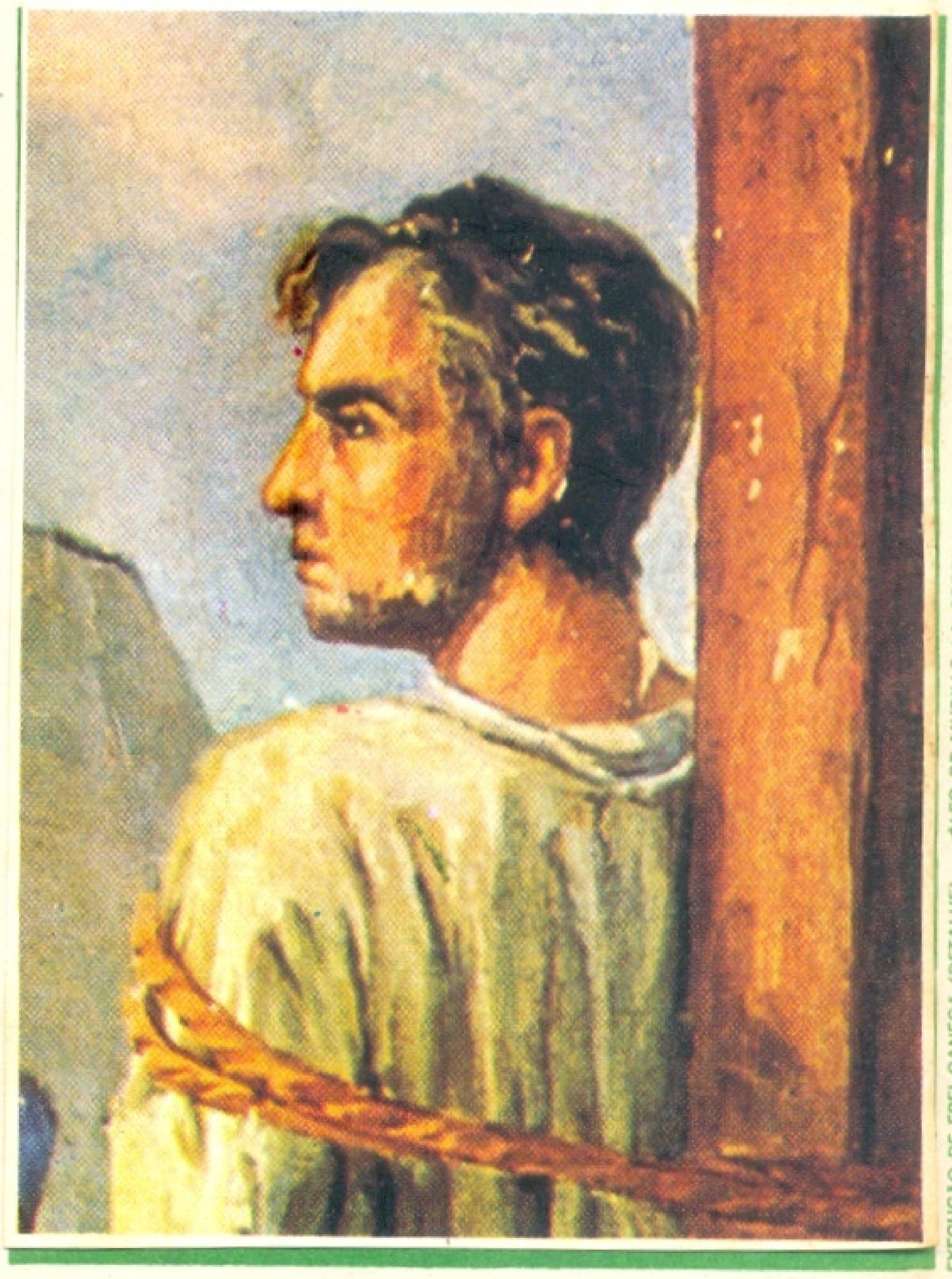
DOMINGOS JOSÉ MARTINS
— ÓLEO DE F.T.J. LÔBO. INST.ARQ.HIST.E GEOGR. RECIFE, PE.

TIRADENTES

O alferes Joaquim José da Silva Xavier, dentista (Tiradentes) entre muitas outras coisas, entusiasta da inconfidência, foi também o seu mártir. Prêso, assumiu tôda a responsabilidade pela conspiração, e embora 14 dos acusados fôssem condenados à fôrca, só Tiradentes foi executado e esquartejado (21 de abril de 1792) depois de três anos de prisão.



TIRADENTES — QUADRO DE AUTRAN. VILA MILITAR, RJ.



EXECUÇÃO DE FREI CANECA (DETALHE) — ÓLEO DE MURILLO LA GRECA. RECIFE, PE.

FUZILAMENTO DE FREI CANECA

Joaquim do Amor Divino Rabelo, o frei Caneca, prêso durante a revolução de 1817, voltou ao Recife em 1821, continuando sua campanha. Jornalista hábil, participou das lutas contra o autoritarismo de D. Pedro, aderindo à república que Pais de Andrade pretendeu instituir em 1824 (Confederação do Equador). Por isso, foi prêso e fuzilado.

5- A INDEPENDÊNCIA

VAMOS VIVER A NOSSA PRÓPRIA VIDA



"O GRITO DO IPIRANGA" — ÓLEO DE VICTOR MEIRELLES (DETALHE). MUSEU PAULISTA, SP.

Ao contrário do que sucedeu com a maior das colônias americanas, a independência brasileira fêz-se em etapas, quase tôdas de caráter pacífico.

A vinda da família real para o Brasil, em vista da ocupação de Portugal pelos franceses (1808), estabeleceu o govêrno central no Rio de Janeiro. Sete anos mais tarde, elevado a Reino Unido, o Brasil ganhava condições iguais a Portugal, sob a mesma coroa. Depois da revolução liberal portuguêsa (1820), que forçou a volta de D. João VI a Lisboa e procurou fazer retroceder o Brasil às condições anteriores, só poderia surgir a separação entre os dois reinos.

O próprio regente, D. Pedro, seguindo o conselho de seu pai e, percebendo que a independência era inevitável, foi quem a proclamou. E o Brasil passou a ocupar seu lugar entre as nações livres do mundo.

Em fins de agôsto de 1822, chegou ao Brasil a notícia das últimas deliberações das côrtes portuguêsas: D. Pedro era reduzido a "delegado temporário", seus ministros seriam nomeados por Lisboa e sua autoridade limitada às províncias próximas da Côrte. Para as outras, Portugal nomearia o governador.

Sob a presidência da princesa Leopoldina, reuniu-se o Conselho de Estado (José Bonifácio, Martim Francisco, Clemente Pereira e Gonçalves Lêdo) para analisar o informe. E resolveram comunicar suas opiniões a D. Pedro, que viajava por São Paulo.

No dia 7 de setembro, junto ao riacho Ipiranga, o mensageiro do Conselho encontrou D. Pedro. O regente leu as notícias e as opiniões de seus conselheiros.

Finda a leitura, a espada fora da bainha, os companheiros atentos em volta, D. Pedro resumiu seu pensamento:

— Independência ou Morte!



ANTONIO CARLOS RIBEIRO DE ANDRADA E SILVA — BIBLIOTECA DO SERVIÇO DE DOCUMENTAÇÃO GERAL DA MARINHA, GB.

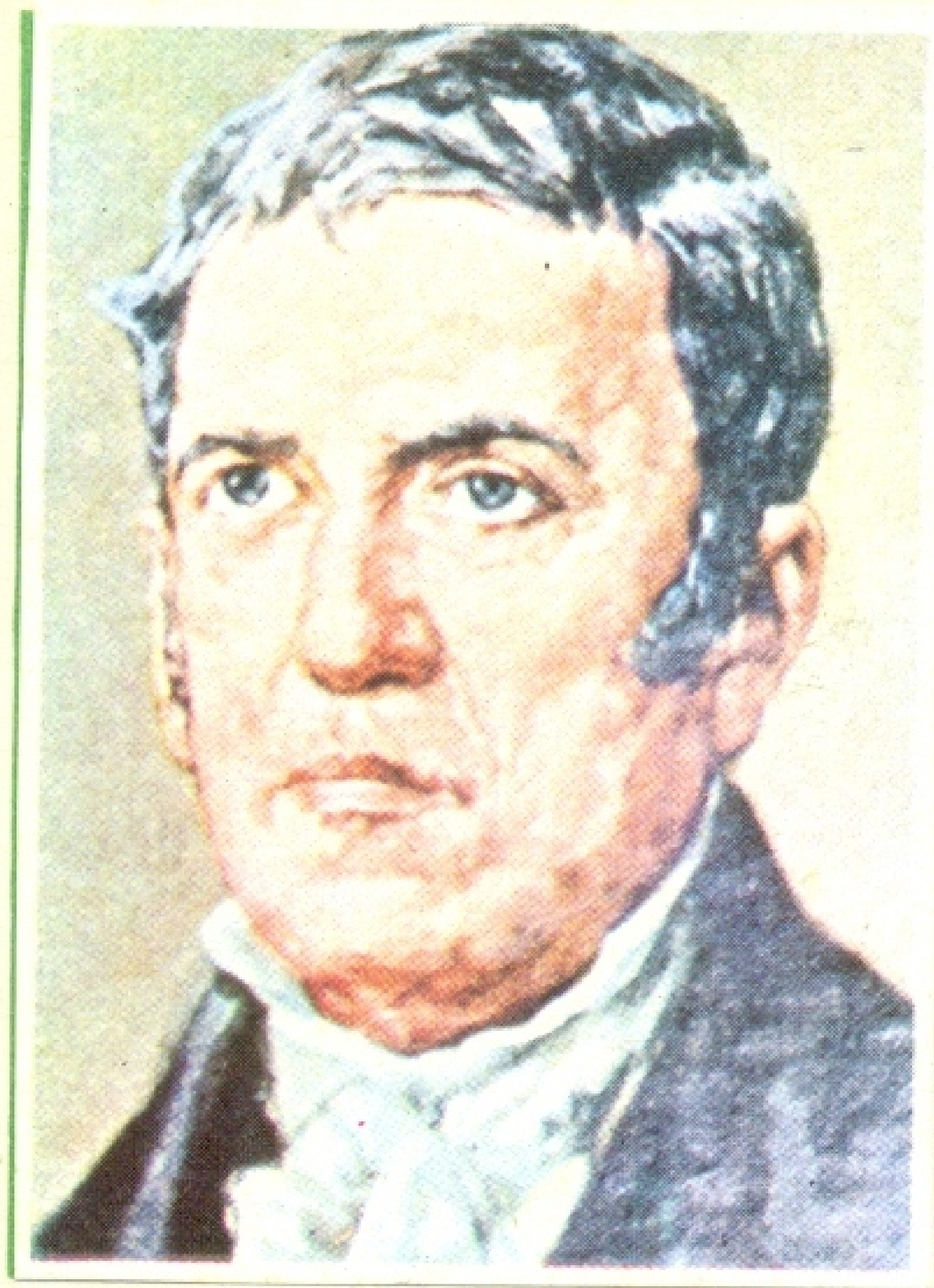
ANTÔNIO CARLOS DE ANDRADA

Antônio Carlos, o mais liberal dos Andradas, participou da revolução de 1817, e mais tarde foi eleito deputado às Côrtes reunidas em Lisboa (1820). Ali, em meio à hostilidade dos locais, destacou-se como defensor da causa brasileira. Regressando ao Brasil após a independência, permaneceu como um dos principais membros da corrente liberal.

GONÇALVES LÊDO

No interior da maçonaria posta a serviço da independência, dois grupos se digladiavam: o "vermelho" de Lêdo e Clemente Pereira, e o "azul" de Bonifácio.

Após uma crise política, Lêdo fugiu para Buenos Aires (novembro de 1822), mas regressou no ano seguinte para formar no govêrno que se seguiu à dissolução da Constituinte.



JOAQUIM GONÇALVES LEDO — BIBLIOTECA DO SERVIÇO DE DOCUMENTAÇÃO GERAL DA MARINHA, GB.



D. PEDRO I — OLEO DE S. R. SA. MUSEU IMPERIAL DE PETRÓPOLIS, RJ

D. PEDRO I

Impaciente com a oposição, D. Pedro dissolveu a Constituinte em 1823 e, embora outorgasse uma Carta (1824), não recuperou a confiança dos liberais. Sua política de reaproximação com Portugal foi nova fonte de descontentamento. Depois de vários atritos com seus opositores, abdicou ao trono do Brasil em 7 de abril de 1831.



JOSÉ BONIFÁCIO DE ANDRADA E SILVA (DETALHE) — OLEO DE A. GODOI. CAMARA MUNICIPAL DE SANTOS, SP.

JOSÉ BONIFÁCIO

Principal conselheiro de D. Pedro, José Bonifácio, o "Patriarca da Independência", foi exilado em fins de 1823, após a crise política do fechamento da Constituinte. Contudo, jamais perdeu a confiança do monarca, que o nomeou tutor de seus filhos. Com a abdicação, passou a ser atacado pelos liberais, que lhe retiraram a tutela do pequeno herdeiro do trono, futuro D. Pedro II.



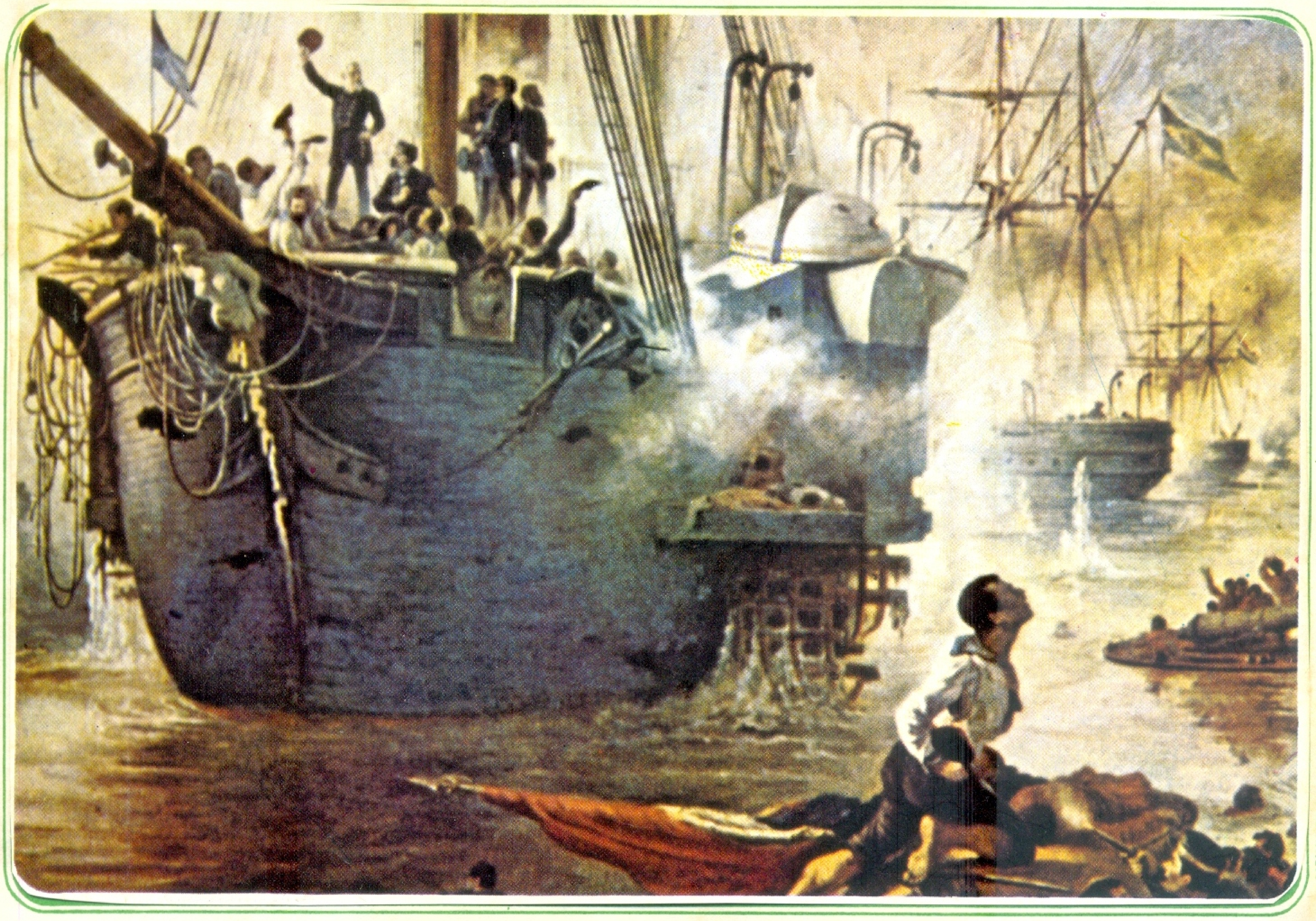
DIOGO ANTÔNIO FEIJÓ — BIBLIOTECA DO SERVIÇO DE DOCUMENTAÇÃO GERAL DA MARINHA, GB.

FEIJÓ

O padre Diogo Antônio Feijó iniciou-se em política como deputado às Côrtes de Lisboa, mas só depois da abdicação é que se tornaria célebre como ministro da justiça e, em seguida, como regente do império. Liberal, combateu Bonifácio, e governou com firmeza em momento muito difícil. Pouco antes de morrer, participou da revolução liberal de Sorocaba, em 1842.

6- A GUERRA DO PARAGUAI

AMOR E SANGUE DERRAMADOS PELA PÁTRIA



BATALHA DO RIACHUELO (DETALHE) — ÓLEO DE VICTOR MEIRELLES, MUSEU HISTÓRICO NACIONAL, RIO DE JANEIRO, GB.

A região do rio da Prata, controlando o acesso a vasta área da América Meridional, foi, durante os tempos coloniais, objeto de disputa e conflitos.

A independência do Uruguai (1828) veio a estabelecer o equilíbrio entre as potências da região (Brasil e Argentina), o que não impediu que algumas vêzes tropas dos três países se defrontassem.

Contudo, o Prata tinha importância fundamental para outra nação — o Paraguai — que, não dispondo de portos marítimos, dependia dos rios da Bacia para seu comércio e relações com o exterior. Militarmente bem preparado sob a direção de Solano Lopez, o Paraguai decidiu-se o árbitro da situação do Prata, desavindo-se com o Brasil a propósito de questões ligadas à política internacional do Uruguai. Daí, passou ao ataque, aprisionando um navio brasileiro e invadindo Mato Grosso e o Rio Grande do Sul. Era o início de uma longa guerra.

A despeito dos sucessos iniciais, quando anexou parte do sul de Mato Grosso (com o nome de Alto Paraguai) e parte do Rio Grande do Sul, além da província argentina de Corrientes, a guerra seria muito difícil para o Paraguai. Contra a agressão, uniram-se Brasil, Uruguai e Argentina (a Tríplice Aliança) que, diante da grande extensão das linhas paraguaias, poderiam cortar-lhes o abastecimento e recuperar Uruguaiana e Corrientes ainda em 1865 (a guerra começou em fins de 1864).

O domínio dos rios e, particularmente, da foz do Prata tornava-se vital para o Paraguai. Para tanto, era necessário vencer a forte esquadra brasileira que dominava os rios.

Em junho de 1865, travou-se em Riachuelo uma batalha decisiva. A vitória dos brasileiros manteve o bloqueio aliado e destruiu a marinha de Solano Lopez que começava a perder a guerra.



GENERAL OSÓRIO — ÓLEO DE AUTRAN. MINISTÉRIO DO EXÉRCITO, RIO DE JANEIRO, GB.

OSÓRIO

Manuel Luís Osório (marquês do Erval), veterano das campanhas do sul, comandou as tropas brasileiras e, vencedor em Passo da Pátria, foi o primeiro a pisar solo paraguaio. Lutou também brilhantemente em Humaitá, Avaí e na Cordilheira. Militante do partido liberal, chegou a ministro da guerra. Morreu em outubro de 1879.



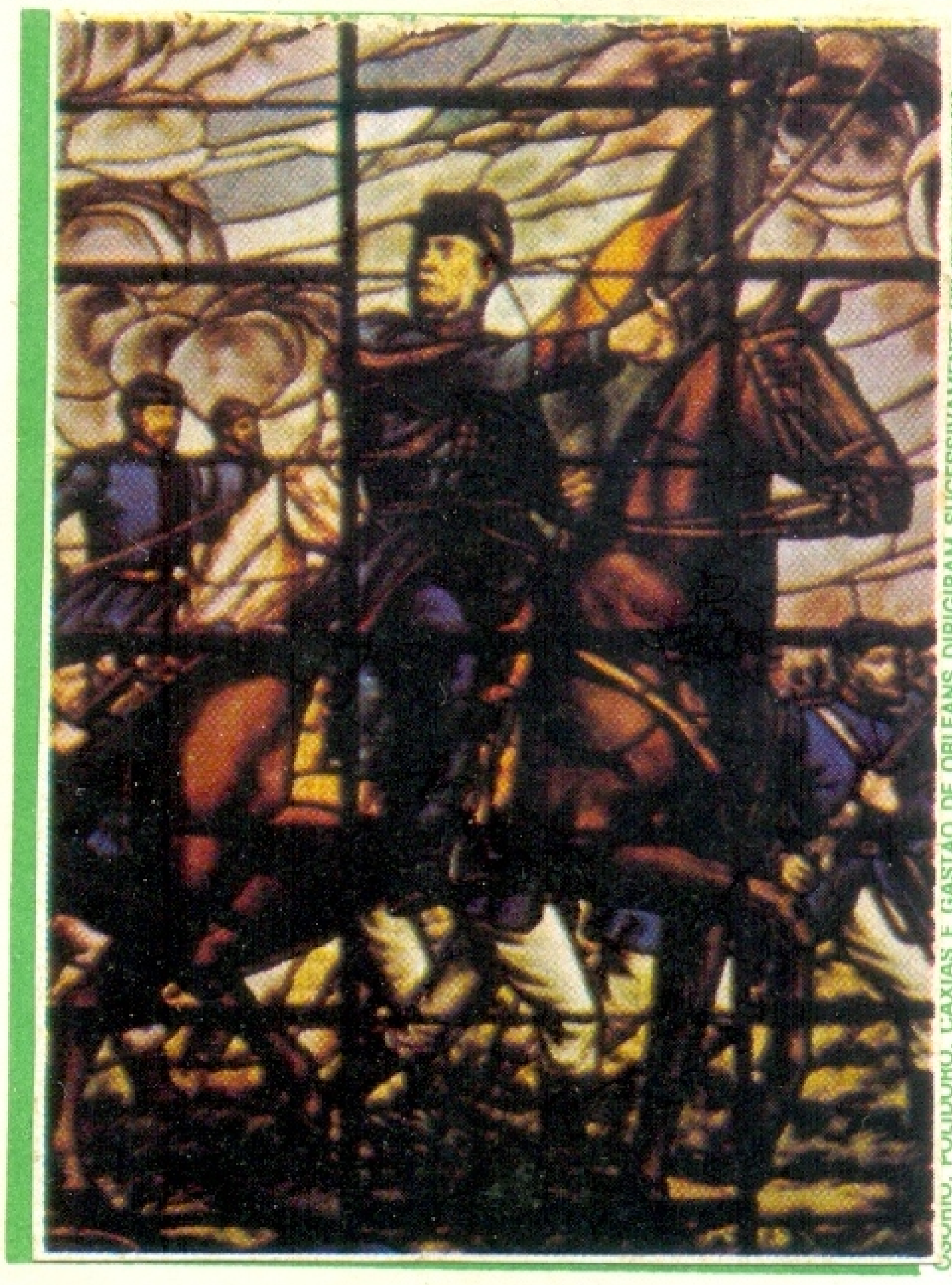
ANA NÉRI NA GUERRA DO PARAGUAI — DO ÓLEO DE VICTOR MEIRELLES, CÂMARA MUNICIPAL DE SALVADOR, BA.

ANA NÉRI

Os filhos de Ana Néri alistaram-se como Voluntários da Pátria e seguiram para o Paraguai. Viúva, ela não quis permanecer inativa e, transformada em enfermeira, seguiu a guerra de perto, socorrendo os feridos e tornando-se uma segunda mãe de todos os soldados. Sua presença foi um toque de amor e piedade, em meio à luta sangrenta.

CAXIAS

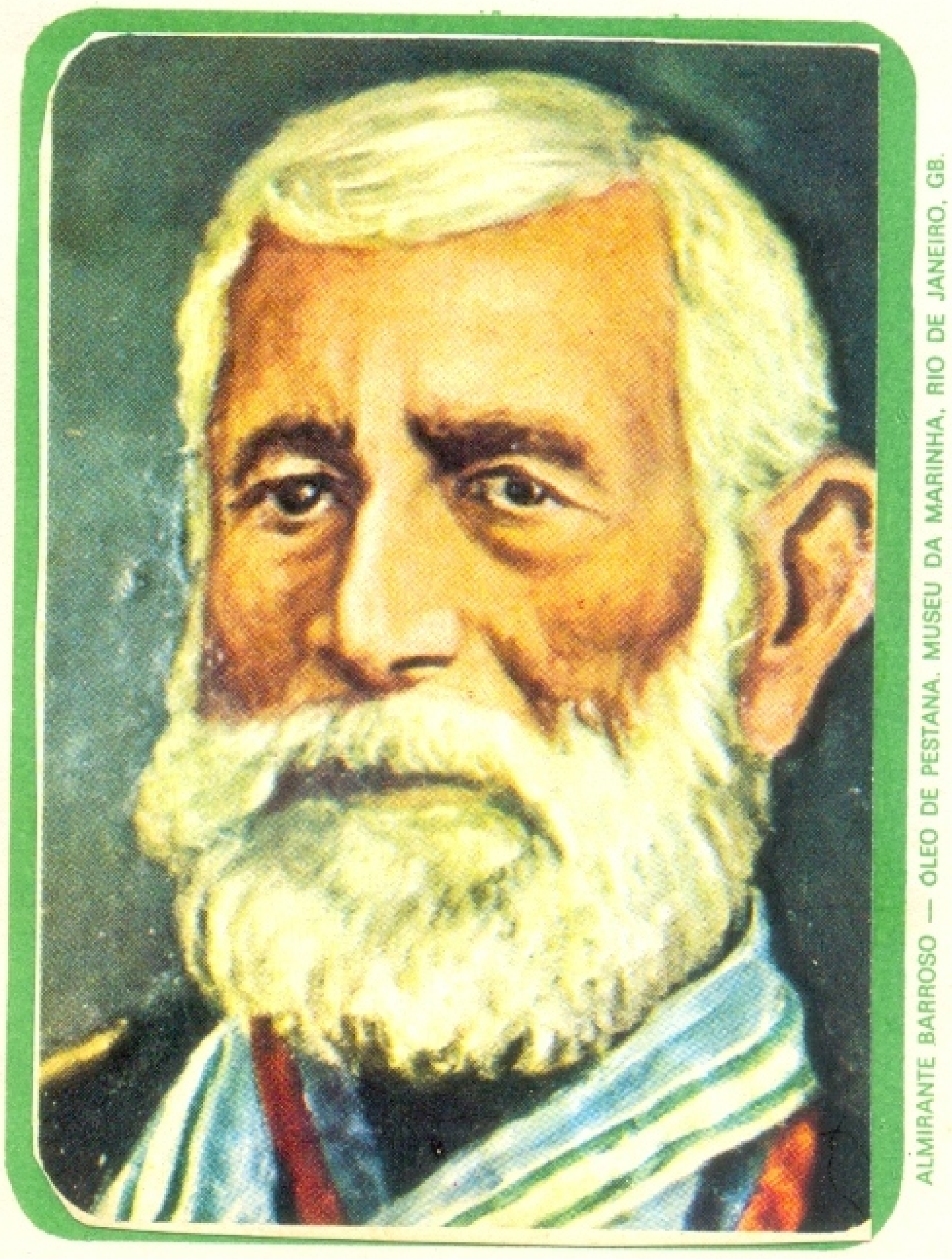
Luís Alves de Lima e Silva, duque de Caxias, apelidado "O Pacificador" pela sua atuação nas revoltas do 2º reinado, assumiu o comando aliado em 1866, obtendo sucessivas vitórias. Entrou vitorioso na capital adversária. Corajoso e hábil estrategista, transformou-se em símbolo e patrono do soldado brasileiro. Morreu em 1880, após ter sido chefe de gabinete durante o govêrno conservador.



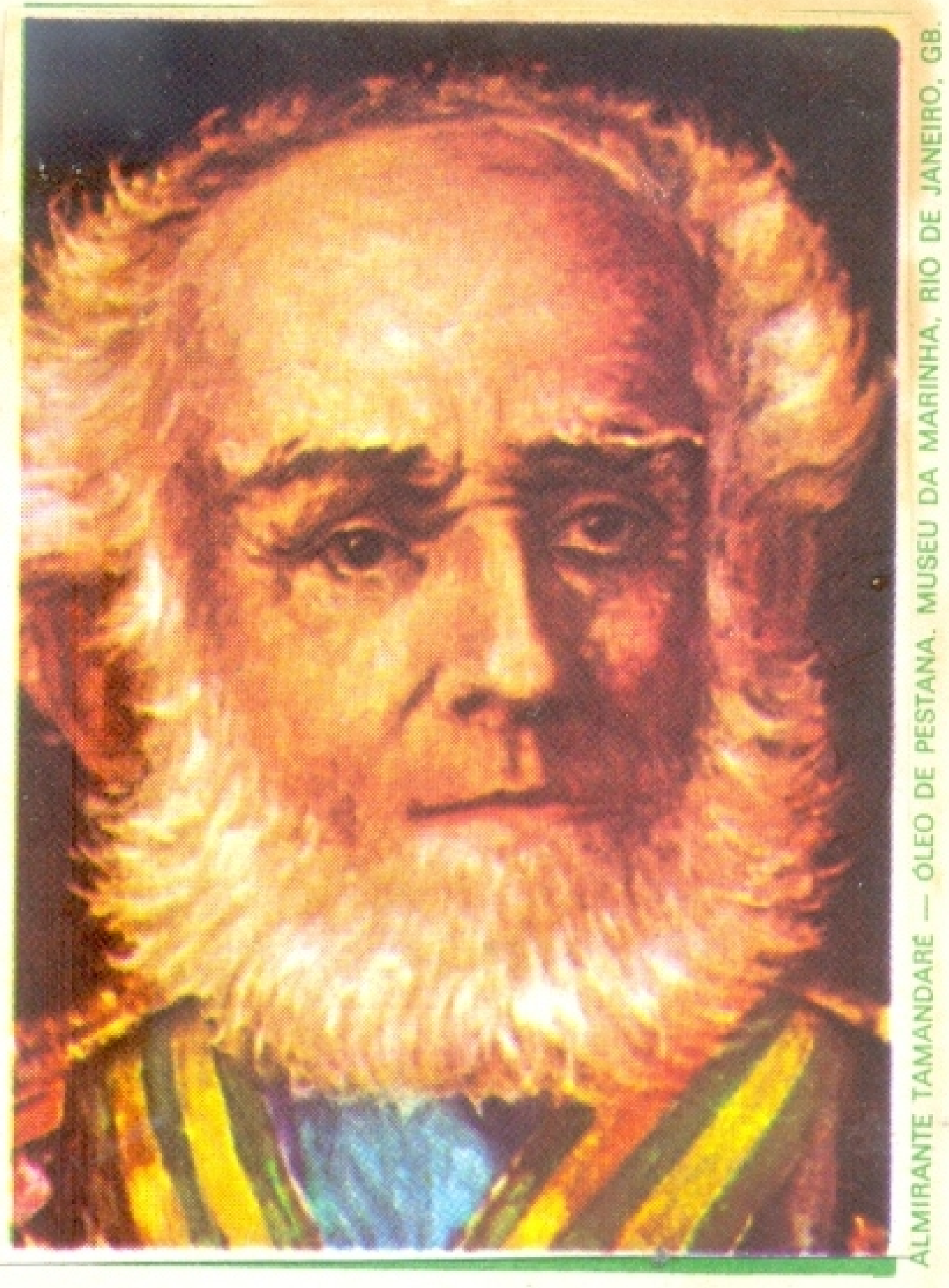
OSÓRIO, POLIDORO, CAXIAS E GASTÃO DE ORLEANS DIRIGIRAM SUCESSIVAMENTE OS BRASILEIROS NA CAMPANHA DO PARAGUAI — VITRAL NO MINISTÉRIO DO EXÉRCITO, GB.

BARROSO

"O Brasil espera que cada um cumpra com o seu dever". Com essa frase, Francisco Manuel Barroso, comandante da esquadra brasileira em Riachuelo, iniciou a reação diante do ataque paraguaio, cuja frota terminou por destruir, tornando inútil o avanço terrestre que Lopez tentava pelo Rio Grande do Sul. Foi agraciado com o título de barão do Amazonas.



ALMIRANTE BARROSO — ÓLEO DE PESTANA. MUSEU DA MARINHA, RIO DE JANEIRO, GB.



ALMIRANTE TAMANDARÉ — ÓLEO DE PESTANA. MUSEU DA MARINHA, RIO DE JANEIRO, GB.

TAMANDARÉ

Mal se formou a marinha brasileira depois da independência, e Joaquim Marques Lisboa apresentou-se voluntàriamente. Chegou à guerra do Paraguai como almirante e comandante supremo das fôrças navais, pôsto em que teve destacada atuação. Recebeu o título de marquês de Tamandaré, e sua carreira foi pontilhada de atos de abnegação e heroísmo.



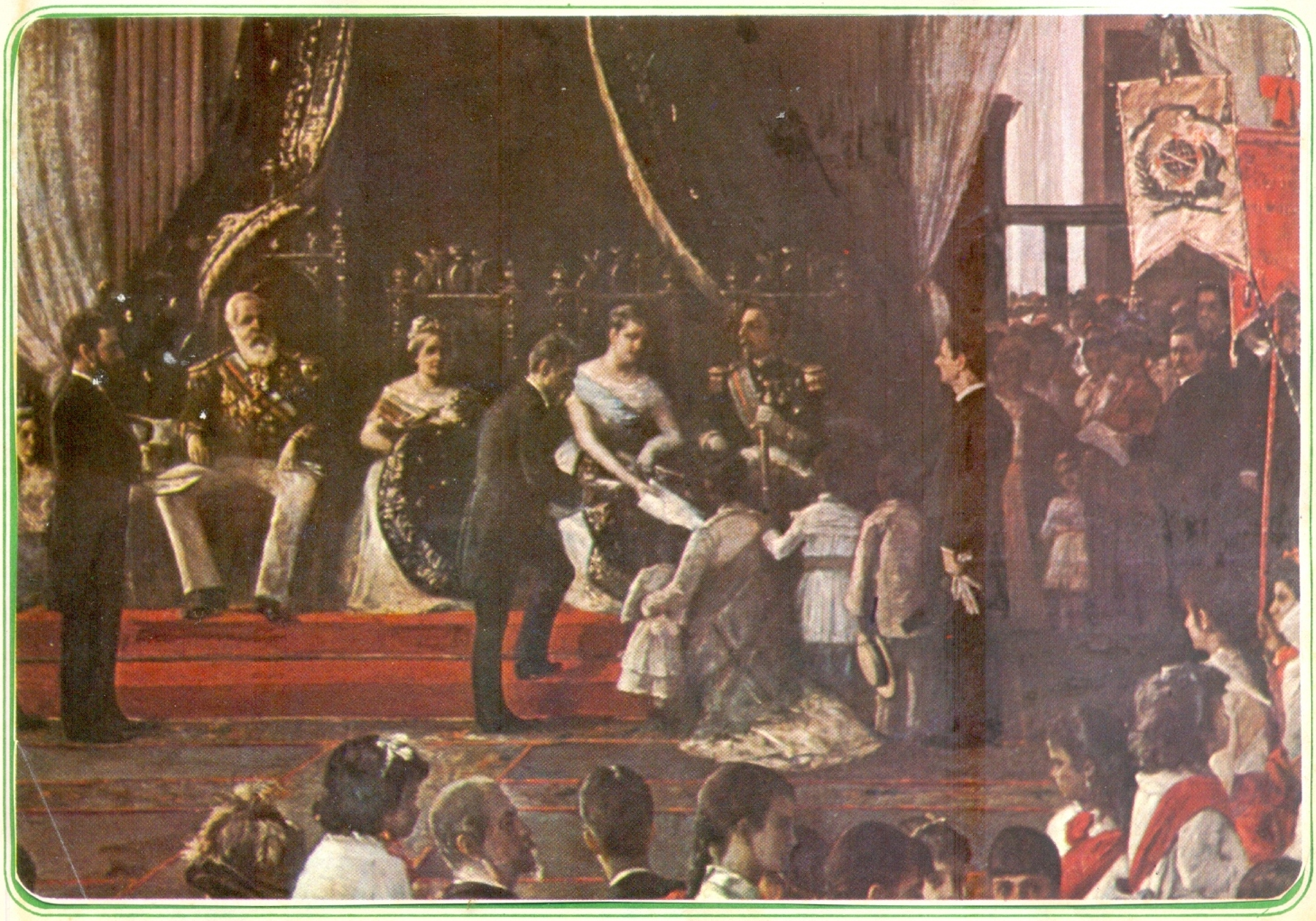
CONDE D'EU EM CAMPO GRANDE, NA GUERRA DO PARAGUAI — DO ÓLEO DE CHARLES STEFFECK. MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES, RIO DE JANEIRO, GB.

CONDE D'EU

O francês Gastão de Orleans, conde D'Eu, marido da princesa Isabel, foi o nosso quarto e último comandante na guerra do Paraguai. Sucedendo a Caxias que já tomara Assunção, coube-lhe perseguir Lopez na campanha da Cordilheira, até cercá-lo em Cerro Corá, onde o ditador foi morto, pondo fim à longa guerra (1.º de março de 1870).

7- A ABOLIÇÃO DA ESCRAVATURA

NUNCA MAIS GENTE ESCRAVA EM NOSSA TERRA



PRIMEIRA EMANCIPAÇÃO MUNICIPAL — DO ÓLEO DE PEDRO JOSÉ PERES. ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DA GUANABARA. RIO DE JANEIRO, GB.

Em 4 de setembro de 1850, o Congresso aprovou uma nova lei extinguindo a importação de escravos africanos. E a lei, ao contrário da sua predecessora de igual teor (1831), passou a ser aplicada. Era a primeira vitória concreta dos anti-escravagistas em vinte anos de disputas parlamentares. A despeito da pressão internacional (o Brasil era um dos poucos países a manter ainda o regime de trabalho escravo) e da opinião pública, o prestígio político e econômico dos fazendeiros que utilizavam mão-de-obra escrava vinha sendo suficiente para impedir a Abolição.

Depois da guerra do Paraguai, em 1871, tornou-se evidente a necessidade de novas medidas, e o gabinete conservador do Visconde do Rio Branco patrocinou a Lei do Ventre Livre, que libertava os filhos nascidos de mães escravas. Com essas leis a Abolição seria certa.

Mas os abolicionistas denunciaram a lei como uma manobra para esvaziar o movimento. E a verdade é que sòmente na década seguinte se voltou a insistir na supressão da escravatura. Mas, dessa vez com ímpeto irresistível, através da formação de clubes, da confederação abolicionista (1883) e inflamadas campanhas jornalísticas. Pedro II, simpático à causa, recusava-se a interferir nas lutas políticas devido ao seu papel constitucional. Mas o mesmo não se deu com a filha, a princesa Isabel, que, como regente, já sancionara a Lei do Ventre Livre e, em 1885, entregava cartas de alforria aos escravos da Côrte. Novamente na regência, Isabel forçou a demissão do gabinete Cotegipe e convocou João Alfredo, que elaborou a Lei da Abolição, a chamada Lei Áurea. Em meio a uma chuva de flôres, a princesa assinou-a a 13 de maio de 1888.



PRINCESA ISABEL — OLEO ANÔNIMO. PALACIO GRÃO-PARÁ, RJ.

PRINCESA ISABEL

Isabel Cristina Leopoldina Augusta, filha mais velha de D. Pedro II, nasceu em 29 de julho de 1846 e assumiu várias vêzes a regência durante as viagens do pai. Casada com o conde D'Eu, não hesitou em abraçar a causa da Abolição, mesmo avisada de que isso lhe custaria o trono. Foi cognominada "A Redentora".

JOSÉ DO PATROCÍNIO

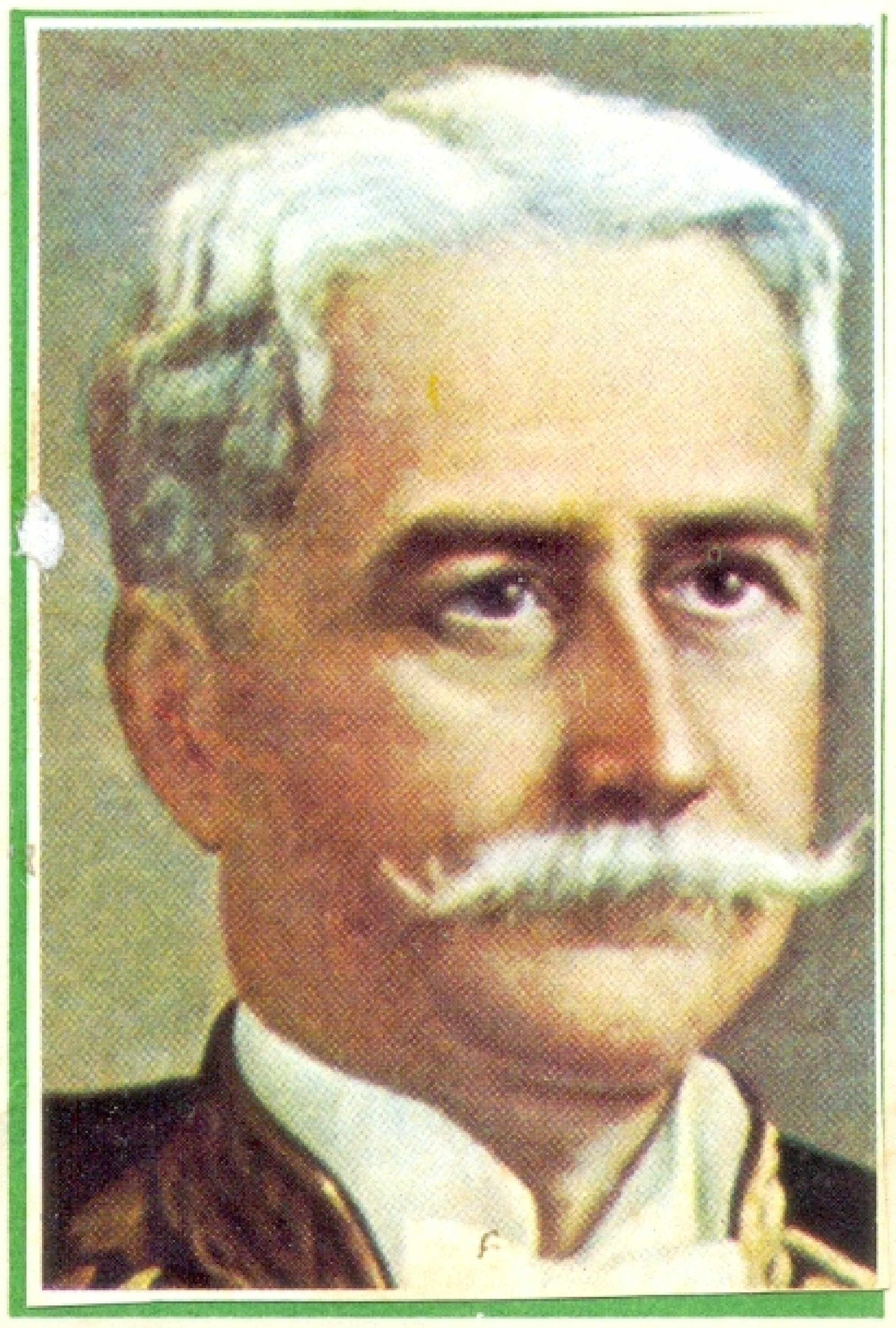
Patrocínio, filho de escrava, foi "a figura representativa da sua época", segundo disse Joaquim Nabuco. Tribuno apaixonado e hábil jornalista, pôs-se inteiramente a serviço da causa abolicionista, da qual foi o grande planfletário. Mantendo-se monarquista, seu prestígio decaiu após a república. Morreu em 1905.



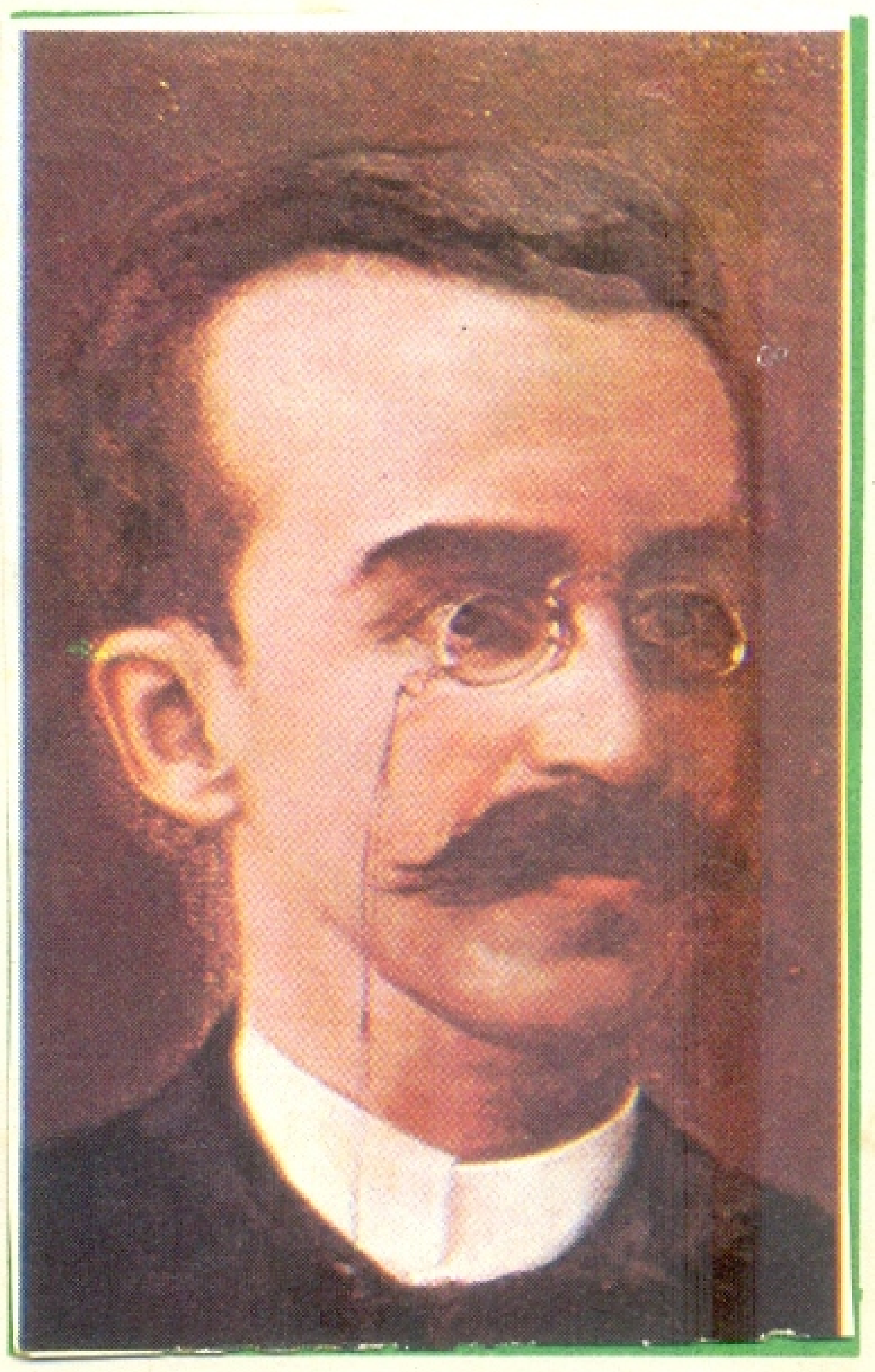
JOSE DO PATROCINIO — OLEO DE MANUEL VICTOR FILHO.

JOAQUIM NABUCO

Desde menino, o pernambucano Joaquim Nabuco prometeu dedicar sua vida à libertação da generosa raça negra. E começou como advogado, defendendo escravos acusados. Mais tarde, liderou na Câmara a campanha abolicionista, tornando-se o artífice parlamentar da Abolição.



JOAQUIM NABUCO — OLEO. ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, GB.



RUI BARBOSA — OLEO DE PEDRO PERES. CASA DE RUI BARBOSA, GB.

RUI BARBOSA

Rui elaborou, a pedido de Rodolfo Dantas, o projeto que libertaria os sexagenários escravos (1885). Além disso, da tribuna da Câmara ou pelas páginas dos jornais, defendeu por tôdas as maneiras a Abolição. Obtida esta, continuou a luta em busca de paz, justiça e democracia. Sua morte o deteve, em 29 de fevereiro de 1923.



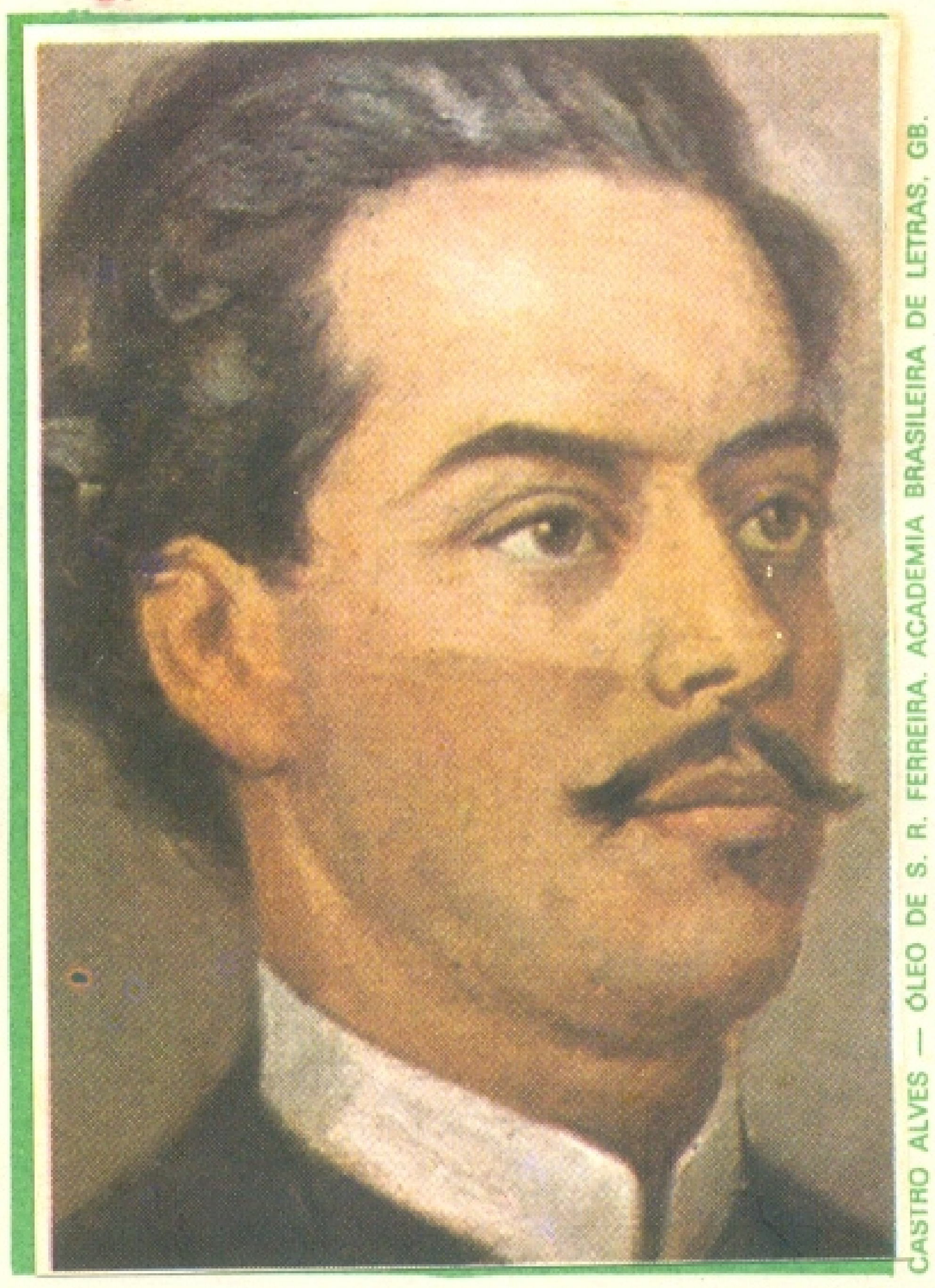
ANDRÉ REBOUÇAS — OLEO DE TULIO MUGNAINI. MUSEU PAULISTA, SP.

ANDRÉ REBOUÇAS

André Pinto Rebouças, grande engenheiro, era tímido, não tinha talento para escrever, nem uma cadeira parlamentar. Na Abolição, foi um homem dos bastidores, organizando comícios e conferências, pagando de seu bôlso muitas das despesas da campanha. Monarquista, exilou-se voluntàriamente com a república, e faleceu em 1898.

CASTRO ALVES

O movimento anti-escravista encontrou seu poeta em Antônio de Castro Alves, autor de "O Bandido Negro", "Vozes d'África" e "Navio Negreiro", cujos versos agudos e violentos mostram sua paixão libertária. Mas não chegou a ver seu sonho realizado, morrendo com 24 anos, em 1871, três meses antes da promulgação da Lei do Ventre Livre.



CASTRO ALVES — OLEO DE S. R. FERREIRA. ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, GB.

8- A REPÚBLICA

O POVO AGORA É O HERDEIRO DO TRONO



"PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA" (DETALHE) — ÓLEO DE BENEDITO CALIXTO. PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO, SP.

Durante o Império, houve várias tentativas de estabelecer uma república em solo brasileiro. No entanto, eclodindo nas províncias, que se revoltavam contra a administração central, tinham também um caráter separatista, o que, sem dúvida, ajudou a derrotá-las. Só no fim da guerra do Paraguai é que as transformações sociais e econômicas do país deram maior consistência à idéia de uma república.

Militares e intelectuais apregoavam as vantagens de um sistema representativo que selecionasse de maneira mais democrática os governantes. Aos cafeicultores, agora donos de grande poder econômico, não interessava mais o equilíbrio político garantido pela figura do imperador. E as províncias viam na república a sonhada realização administrativa, com a adoção de um regime federativo.

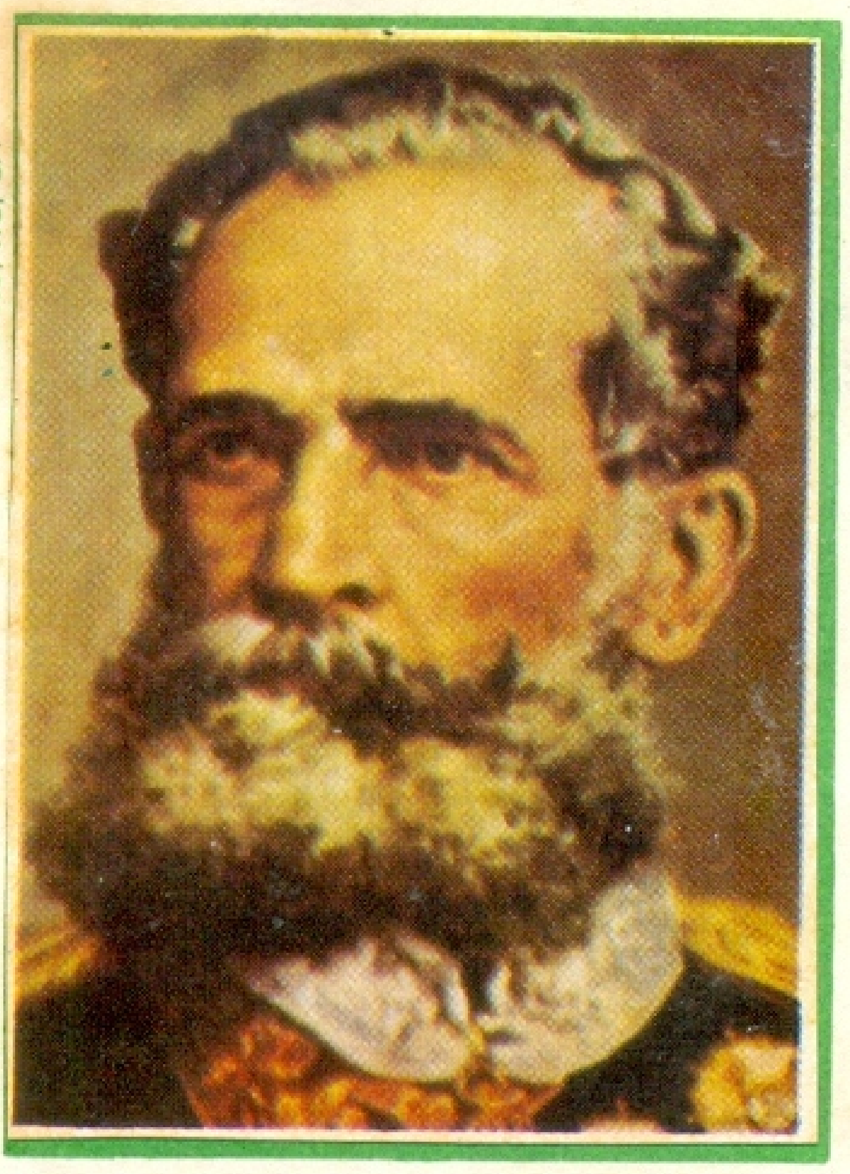
Em 1868, fundou-se, em São Paulo, o partido republicano. Daí por diante, clubes e jornais republicanos multiplicaram-se ràpidamente pelo país.

Mesmo os maiores defensores do Império — os agricultores, senhores de escravos, depois da abolição perderam o interêsse pela sorte do trono.

Contudo, os republicanos não queriam dividir o país numa guerra civil, e a monarquia ainda contava com o apoio de muitas figuras importantes, tanto políticas como militares.

Procuraram para seu chefe um homem que impusesse respeito mesmo aos monarquistas, um homem que fôsse a garantia de que o exército e a nação se mantivessem unidos e que pudesse governar com ordem e paz.

Encontraram-no em Deodoro da Fonseca, marechal e herói de guerra, que, no dia 15 de novembro de 1889, pacificamente proclamou a república brasileira.



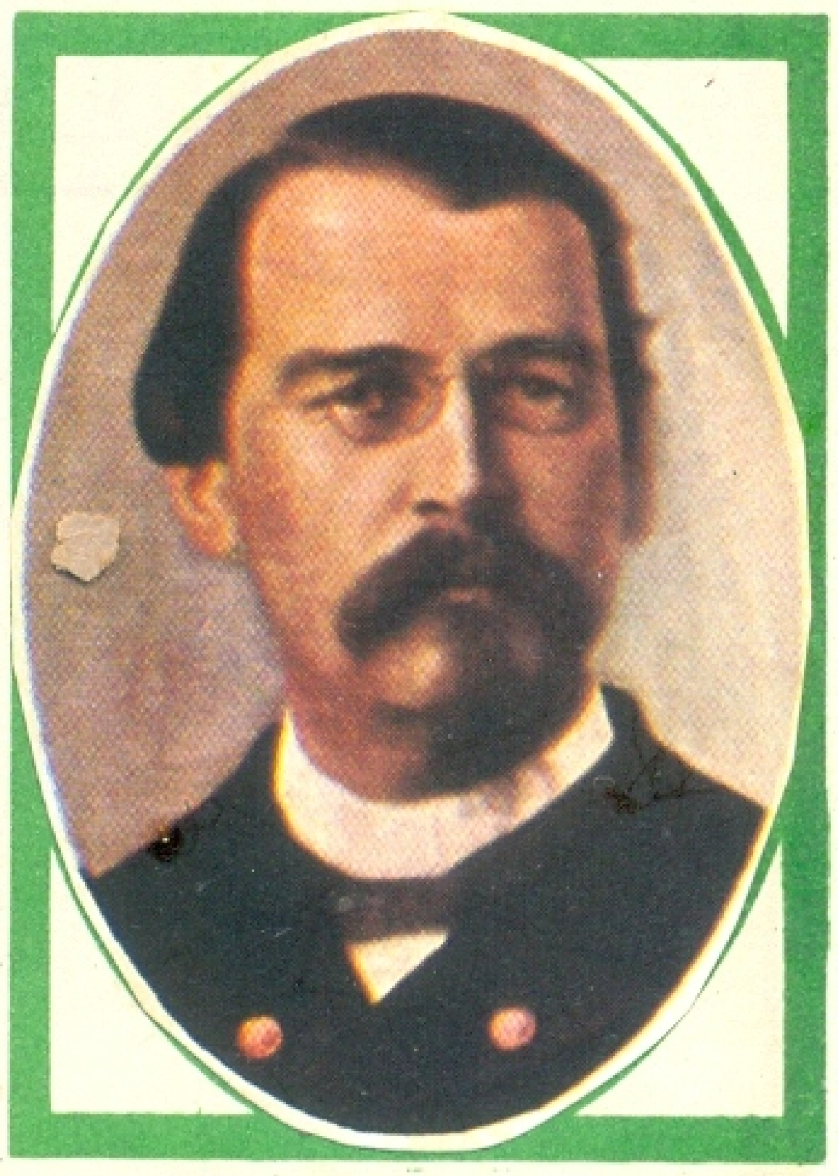
MAL. MANUEL DEODORO DA FONSECA — OLEO DE OSCAR PEREIRA DA SILVA. MUSEU REPUBLICANO, ITU, SP.

DEODORO

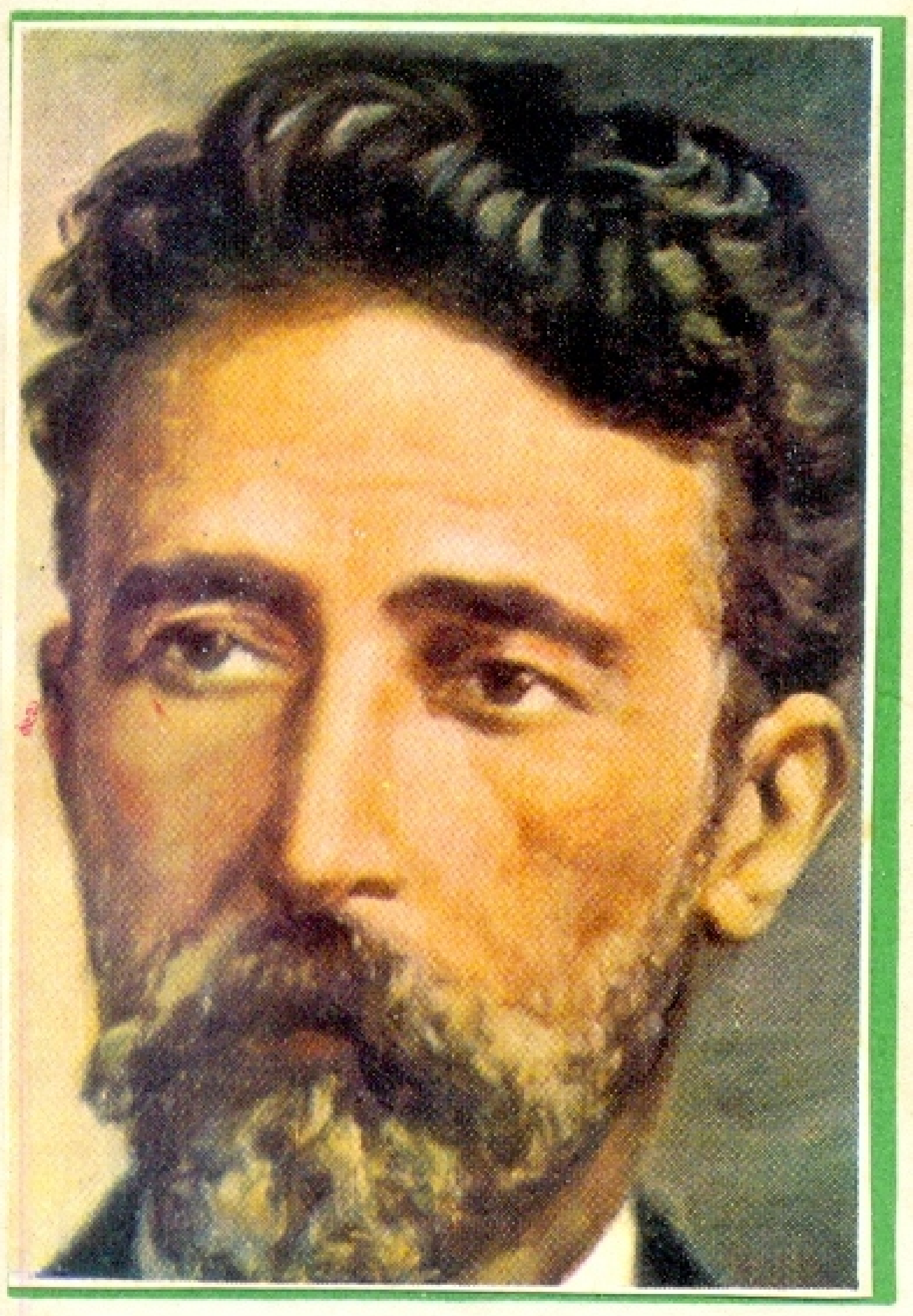
Manuel Deodoro da Fonseca foi ferido na Guerra do Paraguai, na qual lutou do princípio ao fim. Feito político, desiludiu-se com os partidos e as técnicas administrativas, porém, manteve a confiança no imperador. Decidiu-se pela república quando acreditou não haver outra solução, e foi seu primeiro presidente (1889-1891).

BENJAMIM CONSTANT

Professor da escola militar, Benjamim Constant formou uma geração inteira de jovens republicanos e positivistas. Depois de participar do movimento que constituiu a república, foi ministro do govêrno provisório. Após sua morte (1891), o Congresso homenageou-o com o título de "Fundador da República Brasileira".



BENJAMIM CONSTANT — OLEO DE DÉCIO VILLARES. MUSEU DA REPÚBLICA, RIO DE JANEIRO, GB.



QUINTINO BOCAIÚVA — OLEO DE TÁVORA. MUSEU REPUBLICANO, ITU, SP.

QUINTINO BOCAIÚVA

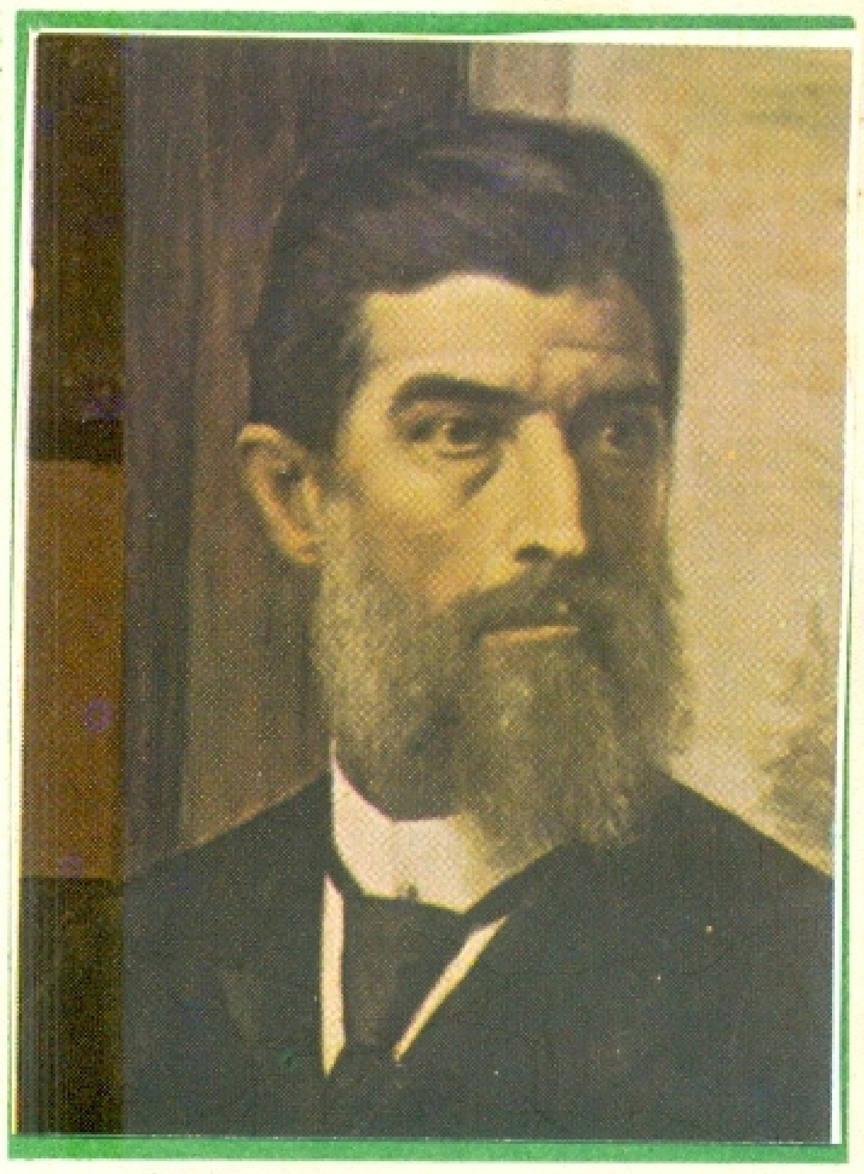
Polemista e orador, homem de letras e grande tino político, Quintino Bocaiúva foi um incansável propagador das idéias republicanas e um dos principais organizadores do movimento, tendo inclusive papel importante na adesão de Deodoro. Foi senador e ministro das relações exteriores, vindo a morrer em 1912.



FLORIANO PEIXOTO — OLEO DE ROSALVO RIBEIRO. PALÁCIO DO GOVÊRNO, MACEIÓ, AL.

FLORIANO PEIXOTO

Embora republicano, Floriano não participou da conspiração, mesmo atuando a seu favor no dia em que o movimento eclodiu. Eleito vice-presidente, na chapa de oposição a Deodoro, assumiu o govêrno em 1891. Mais tarde, ascendeu à presidência. Sua gestão teve o grande mérito de consolidar um regime que, face às dificuldades, parecia prestes a dissolver-se.



PRUDENTE DE MORAIS — DO OLEO DE ALMEIDA JUNIOR. MUSEU PAULISTA, SP.

PRUDENTE DE MORAIS

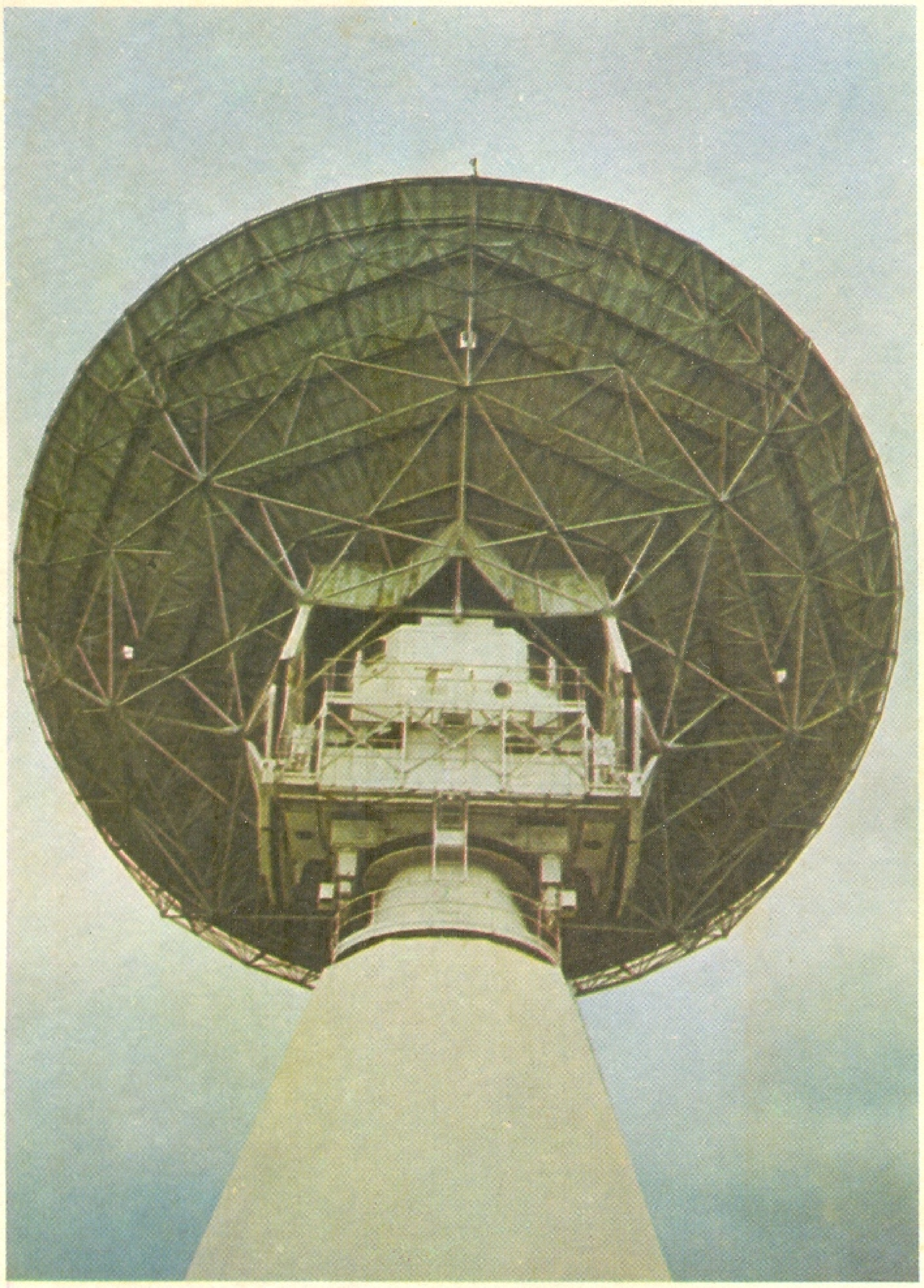
Assim que do Rio chegou a notícia da proclamação, Prudente de Morais assumiu a chefia do govêrno paulista, aderindo à federação que se formava. Liderou a oposição a Deodoro no congresso, candidatando-se contra êle à presidência. Representante dos poderosos cafeicultores, foi o primeiro presidente civil do país (1894-98).







Emílio Garrastazu Médici é o atual presidente. Como seus antecessores — os chamados presidentes da Revolução — Humberto de Alencar Castelo Branco e Arthur da Costa e Silva, desenvolve uma política de nacionalismo, austeridade, integração e desenvolvimento.



GRANDES MOMENTOS DO BRASIL GRANDE

O BRASIL SE COMUNICA — Com a organização da EMBRATEL — Emprêsa Brasileira de Telecomunicações — e a posterior instalação da estação de Itaboraí, no Estado do Rio, e da estação terrena de Tanguá, o Brasil entrou na era das telecomunicações espaciais. O sistema nacional de telecomunicações foi ligado a todo o mundo através de satélites artificiais colocados em órbita terrestre para êsse fim. A estação rastreadora de satélites está aparelhada não só para transmitir programas de televisão, como também para a utilização de canais de telex, telefonia, telegrafia, telefoto, etc. Uma equipe de 36 técnicos, na maioria jovens, encarrega-se do funcionamento ininterrupto da estação. A antena parabólica de Itaboraí tem 30 metros de diâmetro.

TODOS NA LUTA PELA EDUCAÇÃO — A educação é um problema básico de qualquer nação. Não se concebe a infra-estrutura do Brasil grande sem um povo convenientemente instruído. Por isso, o govêrno tem dado caráter prioritário aos problemas da educação: melhor rêde de ensino — mais escolas, mais professôres —, oportunidade de instrução para todos. Criou-se também a fundação MOBRAL — Movimento Brasileiro de Alfabetização — para que as pessoas que, na idade escolar, não tiveram oportunidade de estudar, pudessem aprender a ler e escrever.

O Mobral é um movimento de âmbito nacional. Trabalhando sob a orientação do Mobral central, há organismos regionais, estaduais e municipais. Está declarada a guerra geral contra o analfabetismo. Cada cidade é um quartel, cada escola, clube ou fábrica é uma trincheira, cada cidadão alfabetizado é um soldado. O objetivo inicial dessa mobilização cívica é alfabetizar um milhão de pessoas na faixa de idade entre 15 e 35 anos.



